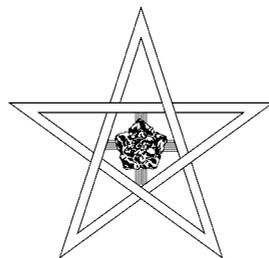


pentagrama

Lectorium Rosicrucianum



O homem e a mônada
Oposição ou ressurreição
À prova de choque:
 roseiral versus Taipei
A grande reconciliação
A criação do homem
 no Evangelho de Judas

**Editor responsável**

A. H. v. d. Brul

Redação final

P. Huis

Imagens

I. W. v. d. Brul, G. P. Olsthoom

Design

Capa: Dick Letema

Interior: Ivar Hamelink

Redação

C. Bode, A. Gerrits, H. P. Knevel, G. P. Olsthom,

A. Stokman-Griever, G. Uljée, I. W. v. d. Brul

Secretaria

C. Bode, G. Uljée

Endereço da Redação

Pentagram

Maartensdijkseweg 1,

NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.

info@rozekruispers.com

Edição Brasileira

Editora Lectorium Rosicrucianum

Administração, assinaturas e vendas

Tel: (011) 4016-1817

Fax: (011) 4016-5638

www.editoralrc.com.br

Responsável pela Edição Brasileira

M. D. Eddé de Oliveira,

Revisão final

M. R. de Matos Moraes

Tradutores e revisores

S. Cachemaille, M. C. Zanon Costa, I. Duriaux,

J. Jesus, M. Pedroza, A. S. Abdalla, M. S. Sader,

Y. Sanderse, U. Shmit, M. V. Mesquita de Sousa

Diagramação, capa e interior

D. B. Santos Neves

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP

www.lectoriumrosicrucianum.org.br

info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa

www.rosacruzlectorium.org

escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers

Proibida qualquer reprodução sem

autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 30 número 6 2008



Somente as forças de um domínio superior podem penetrar o domínio inferior e realmente vir em nosso auxílio. Se grandes grupos humanos submetidos à influência de novas forças cósmicas avançam para o centro da cruz, ser-lhes-á possível ressuscitar na haste vertical. Eles seguirão e iniciarão uma nova sociedade: a *Sancta Democratia*, uma unidade saída do reconhecimento mútuo. Apenas em tal iniciativa – uma unidade no plano da alma – desaparecerão todas as influências de todos os laços da natureza e a consciência humana alcançará os valores espirituais mais elevados.

sumário

- o homem e a mônada
J. van Rijckenborgh 2
- a criação do homem no *Evangelho de Judas* 12
- Lilith, o princípio feminino reprimido 18
à prova de choque:
roseiral versus Taipei
reflexão de um leitor da Pentagrama 24
- a grande reconciliação 30
- Lar Christian Rosenkreuz 1958–2008 34
de eternidade em eternidade:
saber-poder-querer-ousar-fazer-silenciar 36
- oposição ou ressurreição *as reações intercósmicas mudam o homem e os planetas* 42

Capa:

No silêncio, se todas as nossas interpretações e opiniões são omitidas, uma realidade completamente diferente se torna visível

o homem e a mônada

Na literatura esotérica, a Austrália é considerada o país onde deve ocorrer um grande despertar espiritual. Há também evidências de que esse continente fez parte da Lemúria, ou continente desaparecido de Mu. É a mais antiga pátria-mãe dos elevados seres de luz, os Nagas. Supõe-se que os aborígenes australianos sejam os descendentes dos antigos habitantes da Lemúria. A Austrália transformar-se-á no centro de uma nova revivificação espiritual, uma sociedade baseada nos princípios universais. Desse ponto de vista, J. van Rijckenborgh formulou idéias fascinantes.

Até há relativamente pouco tempo, o mapa do quinto e menor continente, a Austrália, ainda apresentava várias manchas brancas. Grande parte desse continente era ainda completamente desconhecida, e quase inexplorada. E mesmo agora, apesar de várias expedições atravessarem lugares desconhecidos, as origens dos rios terem sido localizados e o mapeamento aéreo ter feito seu trabalho, não se pode dizer que o continente australiano seja um território familiar, que todos os recantos tenham sido descobertos.

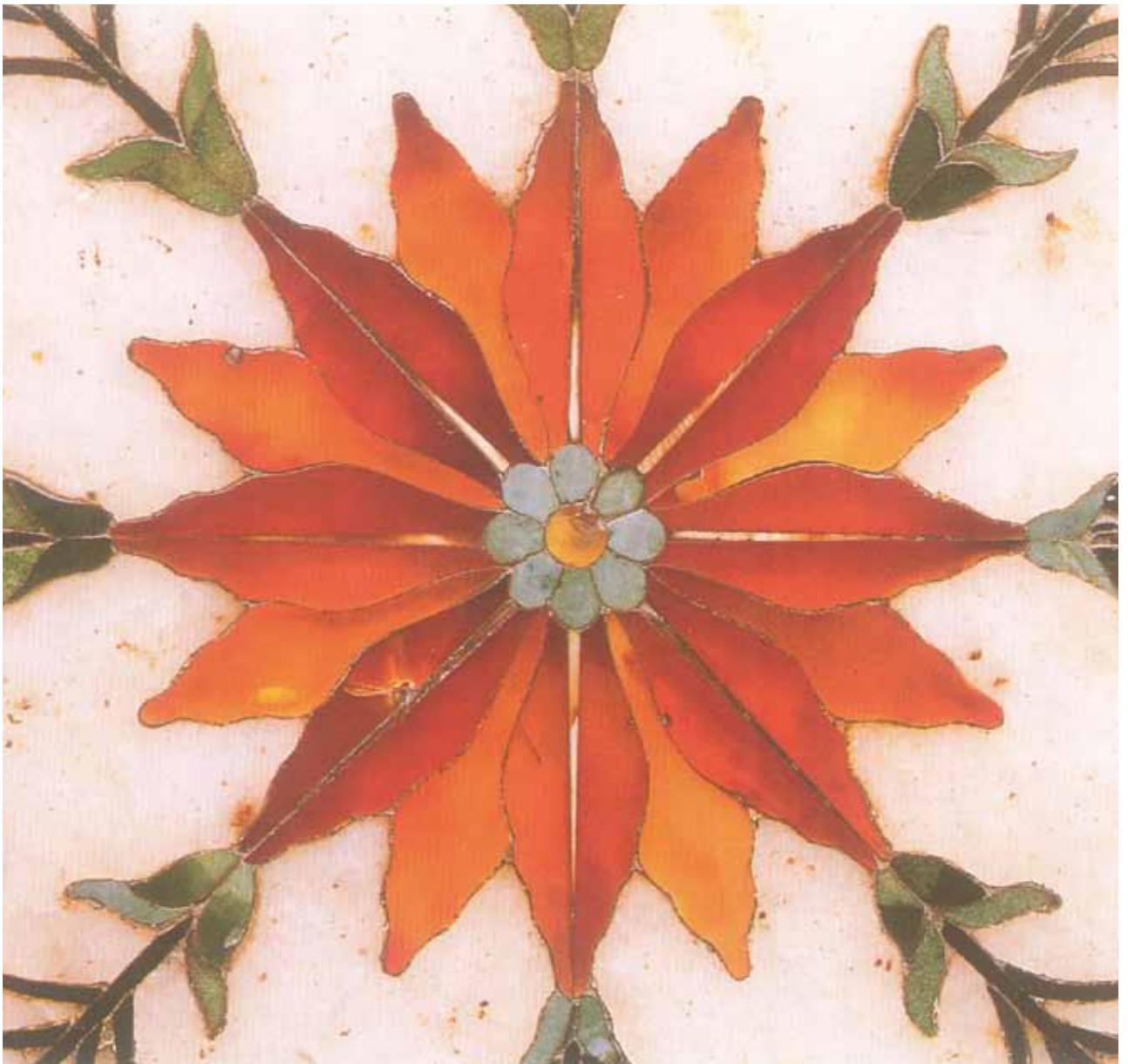
Especialmente a parte mais inóspita, o grande deserto australiano, é muito mais conhecida de forma teórica do que prática. Sabemos que essa região é, como todos os desertos, um lugar arenoso, quente, seco, lúgubre. Sabemos disso pelos relatos de viajantes solitários, ou pelas vítimas de alguns acidentes durante vôos em balão.

Exploradores eventualmente faziam parte dessas expedições. Em 1874, em uma tentativa de fazer o Overland Telegraph Line chegar à costa ocidental, Ernest Giles deparou-se com o deserto australiano, ao qual deu o nome de Alfred Gibson, com quem iniciara a expedição, mas que desaparecera no deserto e não retornara. As causas desses infortúnios continuam obscuras. Às vezes se encontram ruínas, às vezes absolutamente nada. Enfim, ainda hoje o deserto australiano seria, na sua maior parte, como uma mancha branca no mapa.

Atualmente, os trabalhadores e servidores do reino espiritual imutável estão otimistas, pois trata-se de salvar pessoas de eventos caóticos inegáveis; quanto à Austrália, espera-se com certa impaciência que uma série de descobertas seja feita no deserto.

VELHA E DECRÉPITA? Então, que segredos esconde o deserto australiano? São os vestígios de cidades gigantescas de uma civilização que existiu há milhões de anos. Para os esotéricos, a Austrália é um país maravilhoso. É o último resquício, como Madagascar e a Ilha de Páscoa, do gigantesco continente lemuriano que naufragou nas profundezas do oceano há cerca de 850.000 anos. Trata-se de um período da humanidade que precedeu a lendária Atlântida. Como a época da Atlântida perdeu-se nas brumas do passado, é verdadeiramente espetacular encontrar vestígios concretos da civilização milenar da Lemúria.

A Austrália é uma das mais antigas terras que não foram inundadas pelo oceano. De acordo com a antiga sabedoria, a Austrália é “velha e decrépita – ela sofre a maldição do atraso”. Sua flora e fauna dão testemunho disso. A espécie de marsupiais data dos tempos pré-históricos, quando, ainda bastante numerosa, multiplicava-se grandemente. Podemos também compreender “sofrer a maldição do atraso” interpretando que o desenvolvimento normal desses domínios tenha sido interrompido através dos séculos.





Mapa do continente desaparecido de Mu, desenhado por James Churchward, autor de *The Children of Mu*, 1931; *The Lost Continent of Mu*, 1933; e *The Sacred Symbols of Mu*, 1935.

GEOGRAPHICAL POSITION OF -MU. WHERE THE SACRED AND INSPIRED BOOKS WERE WRITTEN. B.C. 70,000.

Parece, portanto, que um enorme pedaço do passado foi conservado com determinada intenção, pois, em dado momento, desempenharia um papel importante no mundo.

Assim como os “os sinais na terra do Egito”, a esfinge e a grande pirâmide, a admiração provocada pelo deserto australiano deveria também agitar os espíritos para despertá-los.

Tem-se falado muito da nova civilização da América, do despertar da Ásia, do desenvolvimento de um grande reino árabe, sobretudo de um futuro

império russo e da chegada de uma civilização eslava. Essas referências falam pouco ou mesmo nada da existência de uma nova e grande Austrália. Ora, a futura civilização australiana, de características únicas, se estenderá amplamente, numa expansão que abrangerá todas as regiões que cercam esse continente.

A Europa e a América continuam a sofrer as conseqüências da grande rivalidade entre os sistemas socialista e capitalista, de modo que nossas vidas estão sempre sob essa influência. A Austrália já ul-

Somente uma nova raça poderá redescobrir o passado congelado da Austrália

trapassou amplamente essa fase. É por isso que esse continente poderá vir a desempenhar um papel de liderança no futuro graças à sua economia mundial universal. Os povos australianos e holandeses têm muito em comum porque suas linhas cármicas de desenvolvimento estão intimamente ligadas. Seus interesses similares, ou mesmo os diferentes, suas tendências e suas relações são igualmente evidentes no âmbito esotérico.

LEMÚRIA Todos os que apreciam de coração a pedra angular da franco-maçonaria da Rosacruz moderna tentam compreender o que acontece na Austrália em matéria de desenvolvimento espiritual. Primeiro, devemos considerar que a Austrália é o mais antigo pedaço do globo terrestre, um vestígio da antiga Lemúria desaparecida.

Até há aproximadamente 150 anos, esse continente era praticamente desconhecido, um pedaço da história preservado. O tempo parara; e nas condições e situações de vida rígidas daquela região, era impossível haver uma renovação. Só uma raça completamente nova e diferente poderia revelar esse passado congelado. Essa condição foi preenchida. Os habitantes originais praticamente desapareceram. Os últimos descendentes da antiga Lemúria já não existem, e uma raça branca nova que se desenvolve energeticamente toma posse da Austrália.

O último perigo que ameaçava esse desenvolvimento, uma conquista pelo Japão, foi evitada: nenhum soldado japonês pôs os pés no solo da Austrália. Torna-se cada vez mais claro que o mundo inteiro se encontra frente a uma necessidade de um novo começo. Também a Austrália encontra-se diante de uma nova aurora. Hoje, uma jovem população se desenvolve numa atmosfera ligada a um passado de cerca de um milhão de anos. Esse período apresentará certamente características e efeitos interessantes.

O fator de “retardamento”, a força de inércia à qual nos referimos anteriormente, será suprimido, e a antiga Lemúria revelará alguns dos seus maravilhosos mistérios.

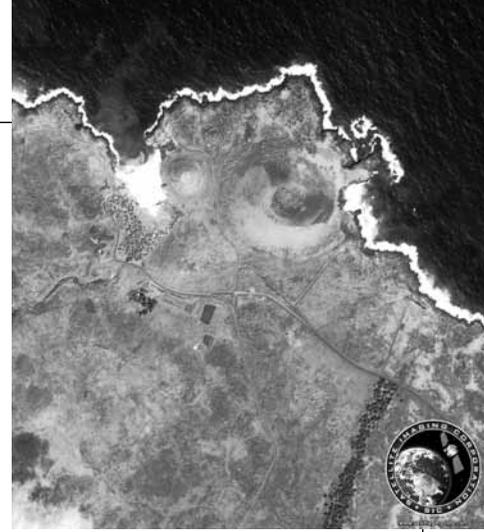
Para obter alguma compreensão sobre esses mistérios ocultos é importante examinar quem eram os lemurianos. É dito, nos relatos esotéricos, que os lemurianos eram de aparência horrível, repugnantes ao olhar. Existiam dois tipos: um baixo, tipo anão, e outro de dois metros de altura. Seus corpos assemelhavam-se a animais muito peludos, com cabeças, braços e ossos antropóides. Se acrescentarmos a isso o andar titubeante próprio dos antropóides, temos a imagem completa dos lemurianos. Contudo, uma comparação mais acurada do lemuriano com um antropóide estaria longe de ser verdadeira, porque embora este último seja dotado

Rapa Nui ou Ilha de Páscoa

Um lugar misterioso no sul do Oceano Pacífico?

A Ilha de Páscoa é a mais solitária do globo, sendo que a mais próxima ilha, inabitada, está a uma distância de 400 km. A Ilha de Páscoa se encontra 3200 km a oeste da América do Sul e a 2560 km da ilha habitada mais próxima. A distância até o maior grupo de ilhas, a Polinésia, que está entre a Austrália e a América do Sul, é de mais de 4000 km, e são 7000 km de mar aberto até a Nova Zelândia. A Ilha de Páscoa tem aproximadamente 24 km de comprimento e 10 km em sua parte mais larga. Podemos falar de um ponto no oceano. Ela foi descoberta em 1722 pelo navegador Jacob Roggeveen. Há muito tempo, entretanto, essa ilha foi o centro de uma grande atividade. Que um lugar tão isolado, completamente “fora do mundo”, praticamente descoberto por acaso, mas que, mesmo assim, tenha recebido um impulso superior é o tema do livro *O canto de Waitaha*. Nele foram recolhidas as tradições secretas dos primeiros habitantes da Nova Zelândia. De acordo com essas tradições, diferentes povos de diversas raças foram guiados para esse lugar por um forte impulso. Ele se tornou um centro de iluminação para

toda a tranqüila área sul do oceano. Hotu Matua, a heroína dos maoris, vinda da Polinésia, e Kiwa, o navegador do Uru Kehu, vindo da América do Sul, dois territórios separados um do outro por no mínimo 8000km, encontraram-se nesse lugar, o mais solitário ponto do mundo! Finalmente, uma terceira população encontrou o caminho para a Ilha de Páscoa: os “homens de pedra”, uma terceira raça independente. Os relatos encontrados na Ilha de Páscoa mostram que existia não uma cultura local tribal, mas uma civilização altamente desenvolvida. As enormes esculturas em pedra preservadas até os dias de hoje não existem em nenhum outro lugar do mundo. É difícil compreender como homens que não dispunham de ferramentas em ferro tivessem podido executar, transportar, erguer e acomodar tais esculturas de mais de 12m de altura e de aproximadamente noventa toneladas. Em uma das fileiras há uma estátua inacabada de 21m de altura. Também foi encontrado um escrito que faz parte de alguns outros, que ninguém ainda pode decifrar. É impressionante a semelhança com os escritos do norte da Índia. As



estatuas de pedra se parecem surpreendentemente com as da Mongólia, igualmente solitárias na paisagem. Em *O canto de Waitaha* existem algumas vagas indicações de uma origem asiática desses “homens de pedra”. Eles teriam vindo das “altas montanhas do teto do mundo”.

De acordo com *A doutrina secreta* de H.P. Blavatsky, a Ilha de Páscoa fazia parte da primeiríssima civilização da terceira raça, às quais pertenciam os lemúrianos. Após a submersão do resto da Lemúria, surgiu de repente um vulcão do fundo do oceano, fazendo emergir suas estatuas como testemunhas da existência da Lemúria. Alguns australianos seriam os últimos descendentes dessa raça. As estatuas da Ilha de Páscoa, de acordo com *A doutrina secreta*, teria sido a obra de homens da terceira raça, últimos representantes da antiga Lemúria, homens de um tamanho fabuloso. Eles eram, na maioria, os irmãos bons e santos de seus gêmeos maus e ímpios: ambos descendentes dos deuses, e como os titãs e sua imensa geração, seriam qualificados de “primeiros nascidos do céu”.

Fonte:

Os cânticos de Waitaha, História de uma nação, ensinamentos de Tharaira Te Meihana c.s.,

B. Brailford ed., Ngatapuwaue Trust, Christchurch, Nova Zelândia, 1994.



de uma consciência animal, com um mínimo de capacidade intelectual, o lemuriano demonstrava grande inteligência, que excedia, em quase todos os aspectos, a inteligência média da humanidade atual. Do ponto de vista do raio de ação e das capacidades espirituais, o lemuriano era um ser majestoso no corpo grosseiro de um animal. a causa dessa relação muito surpreendente e antinatural entre o seu estado divino e a sua personalidade terrestre é evidente para os que estudaram o ensinamento universal.

A personalidade animal extremamente primitiva e grosseira dos lemurianos era penetrada pela mônada ou ser celeste, que existia ainda noventa por cento no campo de vida original.

Uma parte da humanidade original, naquela época, estava ainda em processo de descida ao mundo material, a involução. O homem celeste ainda não estava adormecido. Prometeu ainda não havia sido completamente acorrentado. Entretanto, essa parte da humanidade, que já não estava sob orientação divina, já criara uma personalidade primitiva, grosseira, disforme, desprovida de inteligência.

Essa criatura animal era como um golem, um robô, um autômato vivente de carne, ossos e músculos, que obedecia completamente seus criadores semidivinos. Esse robô era um incansável instrumento de seu criador semidivino – um brinquedo do homem-deus em declínio, uma ferramenta com a ajuda da qual ele podia atuar na matéria da dialética grosseira. Assim, esses animais escravos realizavam,

na medida em que a matéria o permitisse, as idéias surpreendentes e estranhas de suas próprias mônadas.

Eles construíram cidades colossais de formas espantosas e esculpiam na lava imensas estátuas que representavam as mônadas. Em suas construções, objetos comuns ou decorações, procuravam representar e concretizar os pensamentos, valores, forças e capacidades próprias dessas mônadas.

Por meio de escavações no deserto australiano e das descobertas que delas se esperam, uma grande sabedoria poderia vir à luz do dia e, possivelmente, tornar-se ativa outra vez. Isso seria uma contribuição importante para os fundamentos do ensinamento clássico da regeneração do homem e enfatizaria e confirmaria a existência de uma vida humano-divina original, tal como a Rosacruz moderna preconiza.

DUALIDADE O lemuriano era, portanto, um ser duplo. Como ser natural, era um homem-animal em processo de formação; como entidade original, um ser celeste que começava sua descida na matéria.

As mônadas que pertenciam a esse grupo acreditavam poder transformar o tipo animal lemuriano num homem divino magnífico. Então, como criadoras, elas seriam efetivamente como Deus. Elas teriam criado do nada um ser humano com o qual poderiam associar-se como mônadas e com o qual poderiam fundir-se. O homem divino, a mônada, poderia viver e ser, assim, na sua própria criação.

Sobrevôo histórico

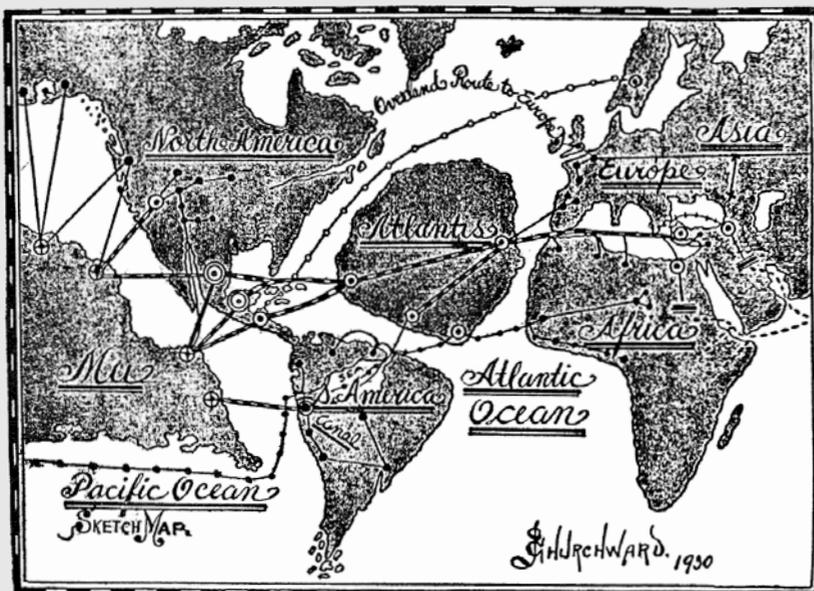
O naturalista francês Étienne Geoffroy Saint-Hilaire aventou a hipótese, já em 1840, de que Madagascar fosse uma parte do quarto continente (desaparecido) no Oceano Índico: a fauna de Madagascar era muito diferente da fauna da África, da qual estava próxima, porém similar à da tão distante Índia. Num ensaio similar, em 1864, o zoólogo Philip Lutley Sclater (1829-1913) criou o termo Lemúria para nomear esse continente desaparecido, e desde 1860 especialistas chamavam-no também Indo-africano, Indo-oceânico e também península Indo-madagascar. De acordo com Alfred Wegener (1880-1930), há

duzentos milhões de anos os continentes faziam parte de um todo: o super-continente Pangea, a Antártica, a Austrália e a Índia encontravam-se adjacentes à África e formavam com a América do Sul um único continente até o início do período Jurássico. Depois, esses continentes afastaram-se lentamente uns dos outros e tomaram a atual conformação geográfica. A Índia destacou-se da Austrália e de Madagascar e derivou para a Ásia, o que fez surgir a cadeia montanhosa do Himalaia. De acordo com o autor, essa foi a chamada "compressão lemuriana". O biólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919)

afirma, em *Natürliche Schöpfungsgeschichte* (A história da criação) (1870), que "no Oceano Índico encontrava-se um continente que se estendia das Ilhas da Sonda, ao longo do lado sul da Ásia, até a costa leste da África. Parece que Sclater deu-lhe o nome de Lemúria devido ao aspecto simiesco dos animais que ali habitavam. Essa terra, a seu ver, tinha grande importância, porque talvez fosse o berço da raça humana, que teria surgido dos macacos antropóides..."

Numa obra intitulada *Anthropogenie*, Haeckel escreve: "O homem apareceu provavelmente à época do dilúvio nas zonas relativamente quentes do mundo antigo, ou no continente africano ou asiático, ou num continente mais antigo, a Lemúria, que desapareceu sob as ondas do Oceano Índico". Ele chama o continente perdido até de "paraíso". Ele nos leva da mais antiga forma da matéria, *monera*, passando pelos antepassados animais do homem, através de diferentes estados, até o "estado 20", o dos macacos antropóides, e finalmente ao último, o "estado 22" do homem atual.

Entre 1896 e 1909, na Austrália, a Lemúria era tratada muito seriamente, e sua existência não era posta em dúvida. Num jornal australiano dessa época, *Science of Man, Journal of the Royal Anthropological Society of Australasia* (Ciência do Homem, Jornal da Real Sociedade Antropológica da Austrália), foi veiculada a idéia de que esse continente desaparecido teria sido o primeiro



The Eastern Lines of Colonization from Mu.

habitat do homem.

H.P. Blavatsky, nas suas obras ocultas, apoiou-se em todos os trabalhos mencionados acima. Ela cita também abundantemente o francês Louis Jaccoliot e é a primeira a fazer a ligação entre Lemúria e Atlântida. Ela se reporta igualmente ao livro de Ignatius Donnelly, *Atlantis, the Antediluvian World* (Atlântida, o mundo antediluviano), que também menciona a Lemúria. A Lemúria estaria situada no Oceano Índico e seria a sede da terceira raça original, ou raça-raiz (uma das sete fases da evolução humana) conforme as crônicas do Akasha. De acordo com elas, os lemurianos gozavam de dons excepcionais espirituais como o poder de arrastar ou levantar, apenas mediante a vontade, objetos muito pesados. Eles eram grandes, de cor escura, e os indígenas da Austrália seriam provavelmente seus descendentes.

Para os teosofistas, a Lemúria teria sido destruída durante a Era Terciária, após a fundação de colônias em ilhas no oceano Pacífico e num território ao noroeste da África, que viria a ser a Atlântida. Uma seleção racial teria ocorrido, causa do surgimento das raças “vermelhas” e “amarelas”; em seguida, teria surgido um novo tipo humano susceptível de emoções e capacidades mentais mais marcadas.

Em *The Lost Lemuria* (A terra perdida da Lemúria), W. Scott-Elliott (1904) descreve de maneira detalhada a fauna e a flora da Lemúria, bem como os lemurianos, que teriam conservado o seu

aspecto simiesco e a sua grande estatura de 3 ou 4m de altura. Esse autor se reporta, como H.P. Blavatsky, ao *Livro de Dzyan*.

Paul Brunton, em *The Message from Aranuchala* (A mensagem de Aranuchala) (1936), fala também da Lemúria desaparecida.

Em 2002 surgiu *The Problem of Lemuria, The Sunken Continent of the Pacific* (O problema da Lemúria, o continente do Pacífico que afundou), de Lewis Spencer, no qual o autor reúne tudo o que foi previamente publicado sobre o assunto. Para a maioria dos especialistas, esse continente começou a desagregar-se há 70 milhões de anos, na Era Terciária, e desapareceu depois de repetidos tremores de terra e erupções vulcânicas. De acordo com os espiritualistas americano-europeus e o *Livro de Dzyan*, o *Mosaic Tablets* (Tábuas mosaicas), de Brunton, inspirou o *Naacal Tablets*, de Churchward, ou mais recentemente o *Lemurian Scrolls* (Os pergaminhos lemurianos) de Subramuniyaswami. Eles ligam a Lemúria submersa de Sclater com as palavras de uma sabedoria perdida...

Fonte:

The Lost Land of Lemuria, em *Fabulous Geographies, Catastrophic Histories*, de Sumathi Ramaswamy, professor de Historia, Califórnia University Press, 2004.



Um dia, na Austrália, serão encontrados os restos de um passado imemorial



Outra parte da comunidade de homens divinos acautelou-se contra esse terrível desenvolvimento. Assim, surgiu uma separação em dois grandes grupos. O primeiro grupo percebeu o erro fundamental e começou a libertar-se de sua criação animal, a fim de retornar à casa do Pai. O segundo grupo insistiu em seus esforços de desperdiçar teimosamente as faculdades divinas. O primeiro grupo, que voltou imediatamente, é lembrado na memória da natureza como “os filhos da luz e da sabedoria”.

O segundo, como “os filhos das trevas”. Os robôs, como passaremos a chamar as criaturas animais materiais lemurianas, os robôs dos filhos da luz e da sabedoria foram incorporados por suas mônadas em um processo de neutralização. Não por meio de morte, mas mediante a dissolução gradual de seu arquétipo. Como resultado, a criação não-divina desapareceu de forma natural. Mas os robôs dos filhos das trevas tentaram impedir esse processo, causando grande mortandade aos

membros do grupo oposto que, como resultado, teve de encarnar novamente, a fim de satisfazer as intenções de suas mônadas.

Mas um terrível efeito secundário foi que, a longo prazo, os seres animais, os robôs, adquiriram instintivamente algo da inteligência dos seus líderes monádicos. Foi assim que acabaram por já não segui-los e passaram a agir a seu modo. De acordo com alguns relatos, cometeram os atos mais horríveis, como o de acasalar-se com outras espécies, e a civilização lemuriana perdeu-se na noite. Seria sem dúvida interessante nos aprofundar nessa história, mas nossa intenção é refutar a visão moderna.

O IMPACTO NOS TEMPOS MODERNOS

Os “filhos das trevas” da Lemúria, no entanto, perseveraram em seus esforços até hoje. Durante as eras atlântida e ariana, eles neutralizaram ou destruíram completamente as mônadas ou seres celestes que se desviaram. Elas continuam completamente presas aos seus robôs lemurianos, os quais, tendo sido cultivados durante as eras, tornaram-se os seres humanos atuais. Mas nem todos os seus objetivos foram alcançados, como, por exemplo, tornar as pessoas imunes a doenças e garantir-lhes uma vida muito mais longa. Muitos cientistas modernos ainda buscam de várias maneiras por esse “robô-perfeição”. Talvez consigam ir longe nesse sentido, mas a que preço?

O preço seria a morte completa da pequena centelha da consciência espiritual original, que, embora muito fraca, ainda brilha aqui e ali. Isso implicaria

na conquista do objetivo das mônadas lemurianas. O homem-robô perfeito ficaria então sem a idéia divina condutora; a mônada teria morrido completamente, e apenas restaria uma criatura inútil de carne, ossos e músculos. O robô original é agora uma criatura dotada de razão e de uma faculdade moral, que alcançou o ápice de seu desenvolvimento.

Esse robô, dotado de razão, ainda está em condição de perceber o erro do seu criador e de poder iniciar o caminho de retorno. Então ocorre uma situação singular: uma criatura liberta seu criador. A mônada humana está agora totalmente neutralizada, incapaz de qualquer atividade, e encontra-se na dramática situação de que somente sua criação pode libertá-la mediante auto-sacrifício.

Dirigimo-nos uns aos outros como seres humanos, mas em verdade somos apenas os robôs de uma glória humana verdadeira do passado. Para libertar o verdadeiro homem divino, devemos renunciar a servir o homem da natureza. Para realizar esse trabalho de regeneração, a Hierarquia de Cristo auxilia a mônada impotente em nós.

A sabedoria salvaguardada no deserto australiano, em um momento crítico da história da humanidade, contribuirá de modo importante para mostrar à humanidade a que ela é chamada. É por isso que a Fraternidade da Rosacruz Áurea faz de tudo para libertar o homem celeste decaído, aprisionado em sua criação animal, a fim de impedir que seu sono seja um sono mortal ✪

a criação do homem no evangelho de judas

No ano 180, Irineu, um dos pais da Igreja, estava muito inquieto pelo *Evangelho de Judas*, conforme informa a revista *National Geographic* em sua apresentação desse Evangelho dez dias antes da Páscoa, em 6 de Abril de 2006 (do mesmo modo que o *Evangelho de Judas* inicia onze dias antes da Páscoa). Os historiadores não lhe deram muita atenção porque nele não se encontra nenhum novo fato histórico sobre Jesus, exceto por ele estar rindo por quatro vezes.

Os gnósticos alegram-se por essa escritura. Eles reconhecem a tradição trazida pelos escritos de Nag Hammadi. Não surpreende que na urna que continha o *Evangelho de Judas* estivessem dois conhecidos manuscritos de Nag Hammadi.

O TOM DO EVANGELHO DE JUDAS A primeira frase já explica muito: “Palavra secreta da revelação que Jesus fez num colóquio com Judas Iscariotes”. Não é, por conseguinte, uma revelação para o mundo, mas para uma só pessoa, ou um pequeno grupo de pessoas “preparadas” para isso. Aqui Judas é visto de forma diferente que nos quatro evangelhos. Ele é contraposto aos outros discípulos, que não são citados. Três vezes Jesus fala-lhes e cada vez há confusão e incompreensão por parte deles. Assim, rezam ao falso Deus e não compreendem que o nascimento divino deve ter lugar no homem.

No terceiro e último colóquio, Jesus, descontente com seus discípulos, repreende-os. Chama-os de “servidores do engano” e ordena-lhes que já não celebrem seus ritos sacrificiais. E, dirigindo-lhes as últimas palavras “Cessem de argumentar comigo”, termina o colóquio que, por assim dizer, não conduziu a nada. Só Judas esteve à altura, e aparece então como o aluno ideal. Quanto aos quatro evangelhos canônicos, as coisas são invertidas: os discípulos não compreendem Jesus e observam ritos sacrificiais, o que é uma grande vergonha. Judas, porém, reconhece Jesus e compreende-o: “Sei quem és e de onde

vens. Vens do reino imperecível de Barbelo”. Aí surge o gnóstico. Judas sabe de onde Jesus vem: do reino imperecível, da natureza eterna. Jesus sublinha o fato e diz: “Revelar-te-ei os segredos do reino, é-te possível lá chegar”.

OS SEGREDOS DO REINO Em seguida Jesus instrui Judas: “Eu te ensinarei as coisas ocultas que ninguém jamais viu”. Jesus mostra-lhe claramente que essas coisas ocultas são percebidas não pelos olhos comuns, mas pelos sentidos espirituais que devem desenvolver-se no homem. No mito da criação que segue, o Criador é chamado “o Espírito invisível”, que cria pronunciando o Verbo (no Gênesis do Antigo Testamento, o “Deus judaico” cria igualmente pelo Verbo).

O Espírito invisível diz: “Que um anjo apareça e se mantenha junto de mim”. Um grande anjo, “Autogerado”, luminoso e divino, sai da nuvem. E outros quatro anjos aparecem saídos de outras nuvens e tornam-se os servidores do “Autogerado”. Depois o “Autogerado” faz surgir um primeiro assistente, que cria a primeira luz, e a seguir um segundo, acompanhado de miríades de anjos. Em seguida é mencionada a criação dos demais éons da luz.

A traição de Judas. Afresco da série sobre a vida de Jesus do pintor italiano renascentista Giotto di Bondone (1267-1337), Pádua, cerca de 1305.





ADAMAS É necessário observar que não é dito que Adamas, o Adão celeste, foi criado. Adamas encontrava-se na primeira nuvem luminosa... entre todos os chamados “deuses”. Adamas tem, por conseguinte, o *status* divino, sem início nem fim, da mesma maneira que o “Autogerado” na primeira luz. Depois, são criados uma segunda luz e os demais éons da luz.

Esse episódio tem uma semelhança impressionante com a cabala judaica que relata como da fonte divina saltam dez luzes que se chamam Sefirote e irradiam e governam o universo. “O seu aspecto é o de chamas brilhantes como relâmpagos; de maneira invisível e atemporal, saltam do trono do Senhor, voltam e caem em santa adoração na frente do trono, e o Verbo que pronunciam é semelhante a um furacão.”

Na cabala, há do mesmo modo um homem celestial, Adão Cadmon, considerado por muitos cabalistas como o primeiro Deus susceptível de ser reconhecido pelos seres humanos, e dele é dito: “Mas, logo depois de criar a forma do homem celestial, serviu-se como de um veículo

para descer a fim de se fazer conhecido pelos seres humanos sob o nome de YHVH (Jeová), de modo que possa ser concebido por meio de seus atributos e reconhecido em cada um particularmente”. Esses

atributos são as quatro letras do nome sagrado YHVH, consideradas como símbolos da força criadora de Deus. No *Evangelho de Judas*, depois do Autogerado aparecem quatro anjos chamados seus servidores.

Após o seu aparecimento fora da nuvem luminosa, Adamas cria a geração imortal de Seth; as luzes que aparecem em seguida são atribuídas a essa geração e, por conseguinte, religam à eternidade. Seth é denominado o primeiro ser humano dotado de forças imperecíveis. Ele encontra-se nas nuvens (Gnose) com o anjo El (abreviatura do nome judaico Elohim, que significa Deus).

O CAOS A cada aparecimento de um novo ser, uma ordem emana dele, ele é levado a criar uma ordem. Parece - aqui falta um fragmento - que os Elohim dizem: “Que doze anjos venham à existência para prevalecer sobre o Caos e o mundo inferior”.

“Vem e eu te instruirei nos mistérios que ninguém jamais viu”

É a primeira vez que o Caos é mencionado, embora não seja dito como ele foi gerado. Seguem várias expressões que relembram uma criação decaída: surge um anjo manchado de sangue chamado Nebro, que significa “apóstata”. De onde vem esse sangue e como Nebro falhou não é mencionado. Da mesma nuvem da qual Nebro saiu, sai também o anjo Saclas, (que quer dizer “tolo”). Depois Nebro cria seis anjos, e Saclas seis outros como ajudantes. Esses doze anjos geram doze outros nos céus a quem é atribuída uma parte do céu.

Surge então uma tensão. O “apóstata” e o anjo tolo organizam a vigilância dos céus. E não é só um anjo que cria doze outros, mas dois anjos que criam cada um seis: é o início da dualidade. No princípio, trata-se de Adamas e do imortal Seth. Agora Saclas diz aos seus anjos: “Criemos um ser humano à nossa imagem e semelhança...” Adão e sua esposa Eva são então criados por um tolo. A unidade é quebrada; o que é aqui uma surpresa é que a queda não seja obra do homem mas que o homem seja vítima do seu criador tolo.

ALGUMAS CONCLUSÕES No livro do Gênesis da Bíblia, é Deus que cria Adão e Eva à sua imagem. No *Evangelho de Judas* o processo é o seguinte: o espírito invisível, o Autogerado,

Adamas, Seth, os Elohim (El), doze anjos, Nebro e Saclas. Adão e Eva não são criados por Deus, mas são o produto de uma entidade tola.

A Bíblia menciona uma queda. Adão e Eva comem da ‘árvore do bem e do mal’ apesar da proibição de Deus. No *Evangelho de Judas*, a queda é atribuída a Nebro, o apóstata. Para nós homens isso ajuda reconhecer um pouco as profundas causas de nosso comportamento tolo: somos o resultado de uma ruptura da unidade da criação, pela qual não somos pessoalmente responsáveis. No entanto, nossa pré-memória de um estado sublime, puro, não desligado da vida original, nos faz sofrer a dor da separação.

Essa idéia é o ponto de partida do ensinamento universal. O que chamamos de carma não se forma somente na vida presente, mas provém sobretudo do passado “microcômico”. Em outros termos, o microcosmo não liberto deve incessantemente religar-se a uma nova personalidade da esfera material para chegar à sua libertação, e cada personalidade é confrontada com a herança do passado.

O HOMEM MORTAL Depois que foi criado, Adão ouviu estas palavras: “Muito tempo viverás com tuas crianças”. Judas capta aquilo imediatamente

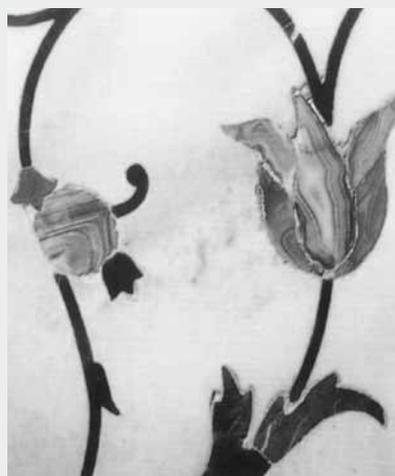
O Caos não é caos

O Caos pode ser descrito como o efeito de aumentar exponencialmente a incerteza: cada passo adiante no tempo proporciona uma incerteza cada vez maior no resultado até que o próprio resultado torne-se quase totalmente imprevisível. A teoria do Caos mostra que o princípio da incerteza também se aplica ao que foi anteriormente considerado como um evento previsível, embora de ordem ainda mais profunda. Como exemplos simples e muito esclarecedores de acontecimentos arbitrários caóticos podemos considerar as gotas de água que pingam da torneira ou a cristalização dos flocos de neve. Quando um filete de água escorre de uma torneira que está quase para ser fechada, gotas pequenas e grandes caem rapidamente umas após outras, sem um padrão preciso. Quando abrimos um pouco mais a torneira, o Caos aparece. A causa do Caos é denominada repetição de períodos ou bifurcações sucessivas dos estados do sistema.

Ainda que a queda das gotas de água seja imprevisível, a teoria do Caos fala de uma ordem mais profunda, de um modelo que pode ser determinado.

Mesmo que os cristais de gelo pareçam muito similares, eles não são idênticos, e é impossível prever precisamente sob qual forma um cristal de gelo aparecerá. A teoria do Caos mostra, portanto, que existe uma ordem oculta entre os cristais de gelo.

No clima social contestador dos anos 1960 e do início dos anos 70, a teoria do Caos tinha um terreno fértil: ela demonstrava cientificamente que pequenos acontecimentos poderiam ter grandes conseqüências. O ponto de partida de Newton, o fundador da física atual, que permite classificar todos os fenômenos físicos, matéria



e forças, com a ajuda de conceitos mensuráveis, vacila. A física quântica termina por minar essa hipótese. Nada parece mensurável. No plano atômico está estabelecido que não podemos medir precisamente a velocidade e a posição de um elétron; ou medimos sua velocidade e não podemos determinar sua posição, ou medimos sua posição e sua velocidade já não é mensurável.

De certo modo, o sucesso da teoria do Caos é um sinal dos tempos. A teoria que parece pregar a rebelião contra o poder fatal das leis da natureza causou muito barulho nos tumultuados anos 1960-70, no momento da humanidade em que as antigas verdades e ordens estabelecidas eram queimadas e a uniformidade das leis eternas da natureza apresentava pequenas rupturas. Einstein não podia acreditar; ele mesmo disse: "Deus não joga dados". Sob o Caos encontra-se outra ordem em nível mais profundo, um sistema fundamental possível ainda desconhecido, ou, como nos afirma o *Evangelho de Judas*, cada vez que um novo ser nasce, ele origina uma nova ordem, ele cria obrigatoriamente uma ordem.

“Eu sou o caminho para uma santa geração; nenhum homem de origem mortal pode juntar-se a ele”

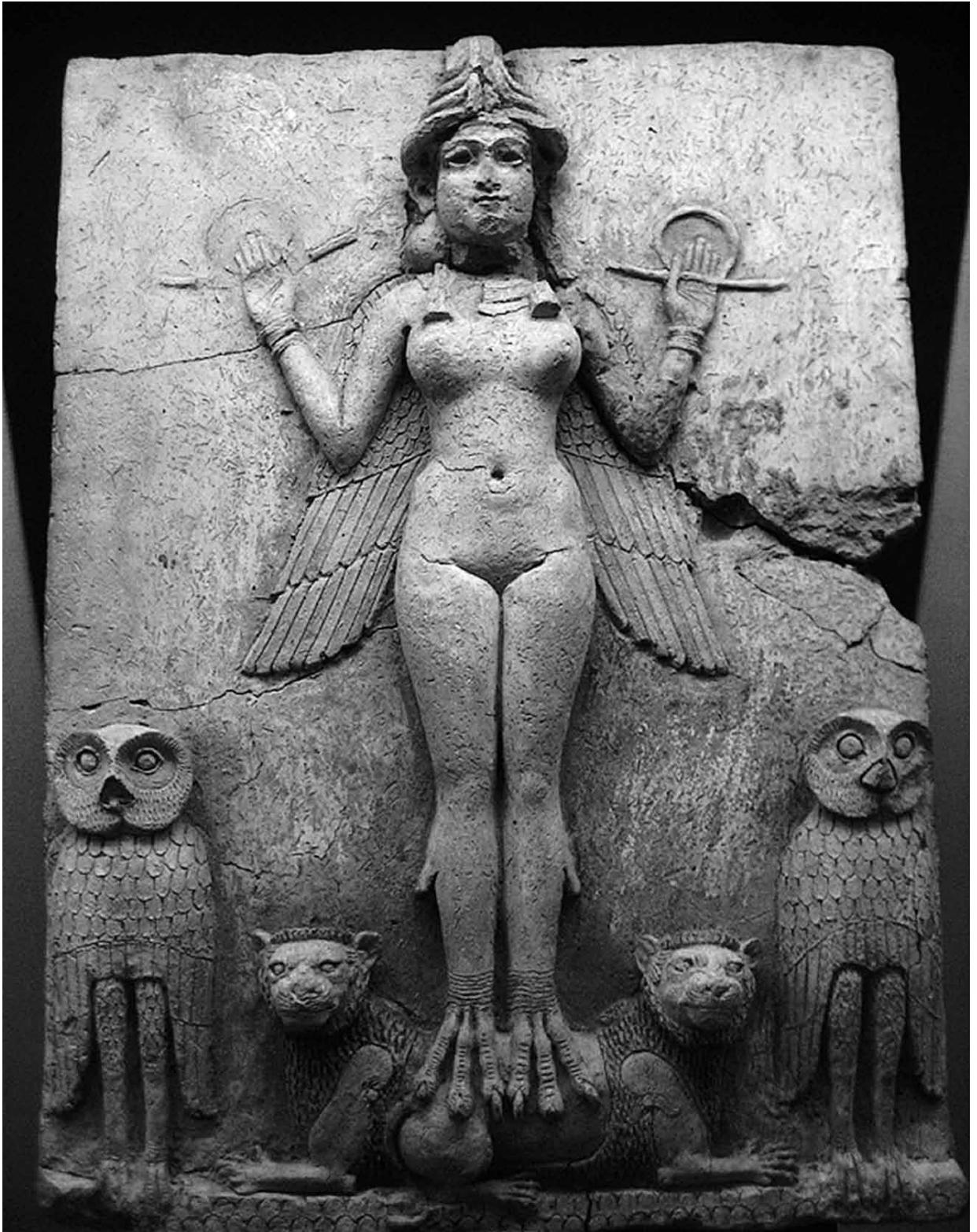
e pergunta a Jesus: “O espírito humano morre?” Da resposta que recebe parece que é necessário fazer uma distinção sutil entre “espírito de vida” e “alma e espírito” imortais. Jesus diz: “E aconteceu que Deus ordenou a Miguel que dê o espírito de vida aos homens de presente de núpcias para que possam servir. Mas o grande Espírito ordenou a Gabriel que desse os espíritos à grande geração de Seth, que não foi dominado, ou seja: a alma e o espírito”.

Adão possui um espírito de vida para servir aos seus regentes, enquanto Seth recebeu um espírito que não é dominado. Existe, não obstante, esperança para Adão e os que lhe pertencem de escapar ao caos e ao mundo inferior: “Mas Deus deixou-os dar a Gnose a Adão e aos que lhe pertenciam, de modo que os reis do caos e do mundo inferior não possam reinar sobre eles”.

A RESSURREIÇÃO O *Evangelho de Judas* termina abruptamente quando Judas entrega Jesus ao sumo sacerdote. Sobre a ressurreição nada é dito, pelo menos não como os Evangelhos o fazem. Apesar disso há efetivamente uma ressurreição. Isso significa que o homem imortal ressuscitou no homem mortal. No *Evangelho de Judas* parece

que esse é o caso de Jesus. Quando os discípulos perguntam a Jesus aonde ele foi, ele responde: “Fui para a grande e santa geração”. Os discípulos estão muito interessados mas devem entender estas palavras: “Nenhum homem de nascimento mortal pode a ele juntar-se”. Isso é possível apenas para o homem em quem teve lugar o renascimento divino com base na semente da eternidade. Esse caminho é ensinado a Judas, e ele pode juntar-se à geração imortal e penetrar na nuvem luminosa onde reside a santa linhagem de Seth.

“Vê, tudo te foi dito. Levanta os olhos e contempla a nuvem e a luz dentro dela e as estrelas que a cercam. A estrela que guia é a tua estrela. E Judas levantou os olhos, viu a nuvem luminosa, e lá penetrou.” ☼



Lilith, o princípio feminino reprimido

Quando Deus criou o primeiro homem ele disse: “Não é bom que o homem esteja só”, e criou uma mulher, também criada da terra, a quem chamou Lilith. Lilith, criada da terra, foi ligada ao ar por meio de asas. Em pouco tempo ambos se opuseram e ela disse ao homem: “Somos semelhantes, fomos os dois criados do pó”. Mas Adão quis impor sua autoridade. Então Lilith elevou-se nos ares e desapareceu.

Eis o que o Talmud babilônico relata. Mas a história prossegue. Deus envia três arcanjos para trazer Lilith de volta. Eles a encontram no deserto, às margens do Mar Vermelho, mas ela recusa-se a retornar. O Deus ao qual aqui se faz referência não deve ser considerado como o Espírito único, o campo de luz original que tudo contém em si e de onde tudo provém. Porque, de acordo com os textos de Nag Hammadi, é evidente que a história da gênese, no Velho Testamento, refere-se à criação numa espiral inferior. O princípio original da criação do Espírito com base no Pai-Mãe divino, em colaboração contínua com os aspectos cósmicos masculino e feminino, foi aqui perturbado. É desse modo que um deus inferior, denominado Ialdabaoth ou Jeová, criou

Lilith e Samael (Adão) formam uma entidade espiritual andrógina. Separada de seu parceiro, Lilith vagueia e arrisca-se a esquecer seu desejo de elevação; ela representa o lado sombrio do arquétipo *anima*. Na imagem, ela é representada entre dois leões, com asas e pés com garras de ave de rapina. Seus atributos são o anel e o bastão.

uma réplica deformada do Adão de Luz. Nos escritos apócrifos, é dito sobre Ialdabaoth: “Estes, satisfeitos consigo mesmos, deram a ele seu poder e tiveram de adorá-lo de modo que o louvor dessas potestades encheu-o de presunção. Ele foi tomado pelo ciúme e desejou fazer uma imagem para substituir [a imagem], e uma forma para substituir uma forma. E ele ordenou às potestades, sob a autoridade delas, que modelassem corpos mortos”.

Portanto, Lilith, a portadora do princípio feminino original, não se voltou contra a luz divina, mas contra as leis de um éon decaído, Autades. O mito de Lilith mostra como o eu superior coletivo da humanidade se separou e aguarda a reintegração consciente. A projeção imperfeita, a criação substituta de Ialdabaoth, durará apenas enquanto os princípios masculino e feminino estiverem extraviados, perturbados, sem poder colaborar em igualdade e unidade absolutas. No plano original da criação, no pleroma, a fusão cósmica dessas duas correntes não é uma lei elementar fundamental? “Por isso uma imagem espiritual em que o masculino e o feminino não estão unidos não é de natureza celeste... O único Santo não faz sua morada onde o masculino e o feminino não aparecem unidos. A bênção somente se encontra onde homem e mulher estão unidos.” (Zohar)

E é assim que Lilith, vagando no deserto às margens do Mar Vermelho, sofre a maldição das turbulências astrais da criação de Ialdabaoth. Ali, na extrema aridez da vida dialética, ela é amaldiçoada sob forma de um demônio feminino, uma

sedutora, devoradora de crianças, e é chamada “a mãe dos natimortos”.

CÉU QUE DÁ A VIDA E TERRA RECEPTORA – IDÉIA E FORMAÇÃO

O mito de Lilith pode ser encontrado em numerosos textos. Lilith aparece como o arquétipo da mulher selvagem, indomável: e também como a primeira heroína da luta dos sexos, que não se deixa oprimir e se atém à igualdade da mulher e do homem. Todos os povos, todas as culturas narram a criação com o auxílio de imagens e símbolos que representam as potentes forças e atividades originais. Podemos assim dar à história de Lilith outro significado: encontram-se ali dois princípios que são Adão, o céu que dá a vida, e Lilith, a terra receptora. Esses dois princípios são totalmente equivalentes. Uma idéia sem possibilidade de manifestação permanece tão impotente quanto o aparecimento de numerosas formas sem a possibilidade subjacente de uma estruturação qualquer. A unidade rompida dos dois princípios cósmicos masculino e feminino constitui uma das diversas fases da queda da criação na matéria. Assim, os arcanjos encontram Lilith nos transbordamentos do Mar Vermelho: o princípio feminino astral perdido é tocado em sua emotividade. Lilith também significa: a jovem que adquiriu o profundo conhecimento da luz. Aqui aparece seu parentesco com Lúcifer, o arcanjo decaído. E não é por acaso que a lenda narre o casamento de Lilith e de Lúcifer. É assim que Lilith se torna a mãe dos “natimortos”, que são, por um lado, os homens desta natureza, mas, por outro lado, os nume-

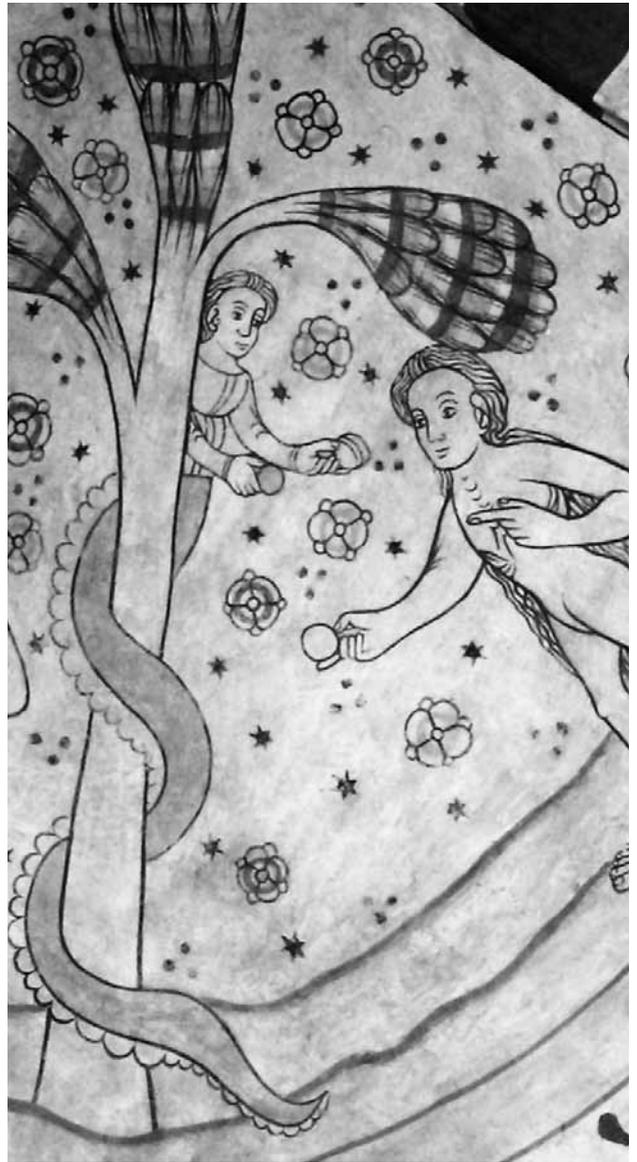
rosos movimentos emocionais que projetam desejos, sentimentos e prazeres em nossos corações. As forças da dualidade, simbolizadas pelo deus criador inferior Ialdabaoth, necessitam, para perpetuar-se, que um dos dois princípios originais seja “maldito”. Esse é o destino encarnado por Lilith, e mais tarde, o destino de Eva. Ele se explica pelo fato de que a civilização (muito) patriarcal dos judeus tinha de se manter face à antiga civilização matriarcal do Oriente onde se adorava a Grande Deusa. As antigas representações conhecidas de Lilith, em relevo sobre cerâmicas sumérias, mostram sempre essa deusa portando um anel em suas mãos erguidas. Os símbolos são os mesmos que os de Ísis no Egito Antigo. Em cada lado de Lilith se encontra uma coruja, símbolo da noite e da morte, mas também da sabedoria: esse pássaro foi consagrado a Atena, na Grécia Antiga.

Lilith possui asas e tem os pés pousados sobre o dorso de um leão. As asas, bem como os leões, muitas vezes são atributos de deusas importantes. A deusa indiana Maya, por exemplo, está montada num leão. O rosto de Lilith não possui nenhum traço de fúria infernal, sua expressão é amigável e assemelha-se à deusa suméria Innana, como se vê em uma máscara de alabastro descoberta em escavações em Uruk, atual Iraque.

O MEDO DAS FORÇAS ACORRENTADORAS DA ALMA FEMININA Na maldição e na separação do princípio original feminino encontramos a explicação para a imagem da mulher que se desenvolveu durante milhares de anos. Essa é a causa

principal do medo do princípio feminino. Outro aspecto desse medo provém das leis inconscientes ligadas às dimensões e fenômenos extraordinários da esfera astral. Esse medo está presente em quase todos os contos relativos a Lilith. Quando se trata de forças obscuras e perturbadoras dessa deusa bem como de sua sexualidade perigosa, tem-se o quadro dos “perigos” irremediáveis escondidos nas profundezas do princípio feminino. O “medo da mulher” é, na verdade, um temor e uma advertência relativos às atividades mágicas e aprisionadoras do temperamento humano, e às assustadoras conseqüências da força astral – que, aliás, atua tanto sobre os homens quanto sobre as mulheres. Essa força é atribuída às mulheres enquanto princípio feminino original, e esse atributo fez nascer leis relacionadas aos aspectos negativos desse princípio.

Muitos cultos à beleza assim como os ideais da beleza constantemente renovados têm como fundamento a feminilidade original. Atrás disso existe, aparentemente, apenas o desejo de agradar. Mas essa necessidade de introspecção demonstrada pelo princípio feminino tem sua raiz no desejo de refletir a imagem do divino, na realidade o desejo de restabelecer o estado original. Na *Exegese da alma* é dito: “Ela se adornava sempre mais para agradá-lo, a fim de que ele permanecesse com ela... E a alma, tendo se tornado bela, se regozijou de seu amor, e ele também a amou”. Para o homem, muitas vezes as forças astrais parecem estranhas, desagradáveis. Às vezes o homem projeta o medo dessas forças para o exterior, sobre a mulher, e ele é levado a se defen-



Lilith muitas vezes é representada como a serpente que, no paraíso, seduziu o primeiro casal

der de uma força de atração simultânea, pois, na verdade, os dois princípios desejam ser libertados e unir-se novamente. A união sexual entre o homem e a mulher não passa de uma sombra dessa união tão esperada. Nesse domínio reinam uma grande confusão e uma dança infinita dos sexos entre atração e repulsão. A mesma dança ocorre no interior: é a luta entre o coração e a cabeça. Enquanto o mundo nas épocas das civilizações matriarcais (lunares) é nutrido e instruído, no âmbito do ânimo, pelas atividades do astral, o contrário acontece nas religiões patriarcais (solares), quando a cabeça, o racional, fica em primeiro plano.

O nome Lilith significa: a jovem que adquiriu o profundo conhecimento da luz

Assim podemos considerar que o recuo do princípio feminino, tal como é descrito no mito de Lilith, marca a passagem do matriarcado para o patriarcado.

O apogeu da superioridade patriarcal se manifestou no Ocidente na época em que eram queimadas vivas as mulheres julgadas feiticeiras. O desejo de manter a qualquer preço a autoridade masculina foi, e ainda é, a causa da opressão das mulheres. Elas ainda hoje são privadas de seus direitos, difamadas, rebaixadas e condenadas à morte.

O ódio por tudo o que é feminino perpetuou-se até os dias de hoje. Nós o encontramos sob diversas formas, como, por exemplo, na violência exercida contra as mulheres, ou no fato de que elas sejam, em inúmeras camadas sociais, tratadas de modo desigual, aparentemente inofensivo. Mas os prejuízos assim infligidos ao princípio feminino são profundos e dolorosos.

Como se chegou a esse ponto? Como Adão se tornou o pretenso dominador do princípio feminino? Um mundo onde predomina a energia racional, dinâmica e agressiva do princípio masculino, que sempre impulsiona para frente, é um mundo frio e feroz, constituído de combatentes solitários. É o mundo das armas cada vez mais destruidoras, das experiências e manipulações genéticas, da exploração crescente do nosso meio ambiente. Em seu medo do princípio feminino, Adão se perde no frio labirinto do intelecto. A solução não é retroceder a fim de desenvolver uma nova civilização matriarcal, se bem que isso

indubitavelmente acontecerá algum dia, por causa das leis da natureza dialética, as leis da inversão regular dos pólos contrários. Com a troca do poder masculino pelo poder feminino ninguém será socorrido, exceto os criadores deste mundo.

OLHAR COMUM SOBRE UM OBJETIVO ÚNICO

O cumprimento da grande missão de salvação da humanidade só ocorrerá através de uma colaboração igual e consciente dos portadores dos dois princípios originais, missão proposta a todos os seres humanos. Essa missão pode ser encontrada não apenas nos primórdios da civilização cristã como também nos mitos de todas as culturas da humanidade ao longo da história. Porque, como estabelece o grande especialista e pesquisador Friedrich von Schelling, todos os mitos provêm do mais profundo da consciência. E é aí que nosso ser é interiormente posto à prova. Esses mitos podem nos inspirar poemas, e o reconhecimento do verdadeiro fundamento de nossa existência e de nossa missão como seres deste mundo. Por isso os dois princípios, masculino e feminino, estão sempre reunidos, mas um sempre repele o outro. O resultado é hesitação, isolamento e fúria impotente. Mas a consciência acaba nascendo dessas crises, e a consciência conduz à aceitação do outro, bem como ao reconhecimento do fato de que, no mundo da dualidade, ainda que uma eventual aproximação entre dois pólos possa ocorrer, a fusão completa é impossível, e experimentamos sempre separação e, portanto, imperfeição.

É apenas com base em uma nova vivificação

que engloba os dois princípios que a integração interior pode ser realizada. Isso é tão verdadeiro para o homem quanto para a mulher. Uma purificação e reestruturação totais do coração e do cérebro são fundamentais; somente elas permitirão que as forças renovadoras da natureza superior ajam no ser humano a fim de que as duas correntes cooperem harmoniosamente. Então o coração, onde reina a efervescência das especulações pessoais, se acalma, readquire seu equilíbrio e faz silêncio, voltando a ser o claro espelho dos impulsos do campo de vida divino, que podem agora projetar-se na cabeça. O restabelecimento da unidade da cabeça e do coração concede à luz divina a oportunidade de se desenvolver no homem. Conseqüentemente aparece pouco a pouco, no grosseiro sistema humano, um novo ser, consciente, pleno de amor e dotado de uma alma ligada ao campo da luz eterna.

Podemos realmente compreender, como seres humanos, o milagre suscetível de assim se realizar em nós? Compreender qual o significado do “maravilhoso nascimento”? Compreender o que significa o renascimento do homem divino, do ser divino em nós?

Sem dúvida podemos presumi-lo. Nesse caso é de se supor que um grande e santo silêncio tenha sido alcançado, um silêncio que nos impulsiona interiormente a rejeitar as ruidosas incitações do mundo enquanto ainda permanecemos nele.

Mesmo que seja difícil entender intelectualmente esse processo, podemos, entretanto, reconhecer os sinais. A mão divina permanece invisível, mas freqüentemente ela consegue fazer que uma

parte da imagem que ela delineia seja percebida. A união do coração e da cabeça tem sua contrapartida exterior na colaboração dos que estão nesse processo. Eles estão convencidos de não estar errados, e, juntos, voltam seu olhar para uma só direção, um objetivo único: a união de todos com o divino ☸

*Quando o homem se torna mulher
e a mulher, homem,
eles encontram em si,
além da dupla imagem mítica
de sua unidade,
sua verdadeira origem,
a única imagem original
no insondável.*

*Então, os dois novamente tornam-se
um todo, como o intemporal.*

*Ó tempo, escuta-me,
à mulher concede novamente seu lugar,
sua equivalência,
acima das profundezas.*

(Evangelho de Tomé, logion 114)

Fontes:

Slavenburg, J. *Een sleutel tot Gnosis* (Uma chave para a Gnose), Deventer, 1997.

Zingem, V. *Lilith, Adams erste Frau* (Lilith, a primeira esposa de Adão), p.130.

Reflexões de um leitor da **pentagrama**



à prova de choque: roseiral versus Taipei

Segundo o I Ching, o oráculo da China antiga, podemos distinguir três tipos de choque: o choque do céu, o choque do destino, o choque do coração.



“TSJEN”, O CHOQUE

*Os choques vêm e vão: perigo,
Mas não perdemos absolutamente nada,
Há somente uma coisa ou outra a fazer.*

Não se trata aqui de um choque somente, mas de muitos, e nem temos tempo de retomar o fôlego. Portanto, ganhamos ao decidir ficar no centro do movimento a fim de nos preservar da má sorte, que nos faz oscilar o tempo todo da esquerda para a direita. Ao ler isso pensamos que cada um, ao longo da vida, receberá choques de forma e intensidade variáveis. Primeiro os abalos do céu, a tempestade, por exemplo, que são choques da natureza.

Todos os tipos possíveis de fenômenos da natureza, como as inundações, as avalanches, os tsunamis e vários outros fenômenos “chocantes”, são desse tipo. Segundo, o destino parece ter relação com o que chamamos quase sempre de “azar”, uma terrível falta de sorte. Nossa razão tem dificuldade em associar o azar ao curso lógico das coisas. A idéia de fatalidade nos força à resignação. O azar soa aqui como uma espécie de choque que pede força interior a fim de dominar um perigo eventual... A força não se deixa abalar pelo perigo, ela dá tempo ao tempo, ao passo que diante do perigo a fraqueza se irrita, começa a tremer e perde a paciência.

Em terceiro lugar estão os choques do coração, o centro em volta do qual tudo gravita. Porque se os dois primeiros choques vêm sobretudo do exterior, os choques do coração nos fazem estremecer no mais profundo de nós mesmos, onde o passado, o presente e o futuro convergem. O desenvolvimento espiritual começa no coração. A alegria e a tristeza são percebidas respectivamente como plenitude e unidade ou vazio e solidão. Essa alegria traduzida como sentimento de união ou essa tristeza como expressão de uma sensação de isolamento podem ser choques também. Enfim, para que não passemos constantemente da alegria para a tristeza, é necessária uma estabilidade que podemos adquirir progressivamente. “O ser humano tenta viver de maneira justa e procura no seu coração se não há algo que se oponha à vontade divina. É, portanto, um temor respeitoso que está na base de uma vida respeitável”, e talvez o verdadeiro sentido da expressão “à prova de choque”.

Em Taiwan, nos dias de hoje, a construção do Taipei 101 representa um verdadeiro desafio a “à prova de choque”. Em 2004, era o mais





alto edifício do mundo: a torre tem 508 metros de altura; desde 21 de julho de 2007, ela foi ultrapassada pelo Burj Dubai, que tem 5 metros a mais. No final de 2009, o Freedom Tower, em Nova York, terá 541 metros. Num documentário, o construtor conta como, durante a construção, problemas quase insuperáveis

um aumento dos abalos sísmicos. Uma pesquisa aprofundada revelou a existência de uma linha de cruzamento de placas tectônicas a somente 200 metros do canteiro de obras. Em vez de abandonar o projeto (o que raramente se faz quando fortunas já foram investidas num projeto considerado, além do mais, como um desafio

Já ingressaste na liberdade que procuras, na paisagem interior

se apresentaram. O Taipei se parece com um bambu de vidro e de metal; esse projeto moderno inspira-se conscientemente na tradição de que o bambu é símbolo de crescimento, de força e de flexibilidade. Mas era necessário também, prioritariamente, não só inovar mas erigir o mais alto edifício do mundo. No entanto, o meio ambiente de Taipei é considerado instável, e existem regularmente terremotos e tufões. A cidade se encontra no limite entre duas placas tectônicas da crosta terrestre, o que explica esses movimentos. As placas tectônicas são camadas gigantes, rígidas, que flutuam e se deslocam na astenosfera e fazem surgir, entre outras coisas, as ilhas e os vulcões. Além do fato de que o Taipei 101 deva resistir às catástrofes naturais, ele mesmo as provoca. A torre pesa 700.000 toneladas. Após sua construção, foi verificado

e um dado de prestígio), procuraram realizar o que era tido como impossível. O desafio era o seguinte: a torre devia resistir, de um lado, aos terremotos, e de outro, aos ventos violentos dos furacões que atingiriam suas paredes. Os dois casos exigiam um remédio contrário. Os terremotos demandam que a construção se mantenha flexível (o bambu se curva e não se rompe) e os tufões exigem que ela seja inquebrantável. Como combinar essas duas propriedades? E se além de tudo ainda queremos ganhar um concurso de beleza? Para amortecer o impacto do vento, ranhuras foram colocadas nos ângulos das paredes para que a corrente de vento se divida por entre as fendas, reduzindo seu impacto. Suspensa no alto do edifício, uma esfera de aço de várias toneladas pode se deslocar lateralmente a fim de contrabalançar os movimentos da torre.

Tudo feito para resistir aos diferentes choques da natureza. Ela deve portanto sobreviver como previram os arquitetos, particularmente inspirados pelo projeto. Podemos fazer uma associação com situações que encontramos na vida enquanto aspiramos cotidianamente por nossa renovação. No trabalho podemos ter de enfrentar influências contra as quais nos sentimos impotentes, situações que pediriam flexibilidade, a elasticidade da borracha! Tal atitude no trabalho pode ser positiva. Situações assim chegam tão de repente quanto uma tempestade ou um furacão, seja no trabalho seja na nossa vida pessoal, e nos pedem para amarrar tudo e ficar inabaláveis a fim de não sermos levados pela correnteza. Aqui, não é caso de elasticidade, mas sim de colocar nossos amortecedores pessoais no lugar a fim de quebrar a força da tempestade. Para nos preparar é preciso exercermos, durante a calma, nossas faculdades ou qualidades da alma, ou teremos grandes chances de afundar. Nesta época em que devemos progredir no mundo e sobretudo em nossa vida cotidiana com tudo o que acontece, é interessante sondar a fonte de onde tiramos nossa inspiração. A honestidade conosco mesmos torna-se um dado essencial, pois se não buscamos de onde vem a inspiração que nos faz decidir agir deliberadamente, nada mudará. E é justamente disso que se trata. A inspiração nos puxa para certa direção, literalmente ou não; podemos progredir bastante interiormente, sentados no sofá, no escritório ou

em qualquer lugar calmo. Lá, entramos no mundo do nosso próprio labirinto, e seguimos nossas próprias pegadas, no terreno batido onde tantas vezes não havíamos achado o que procurávamos, e eis que, de repente, achamos a entrada de outro caminho! Tomamos esse caminho então, cheios de coragem apesar da lembrança dos fracassos anteriores, mudamos de sapatos, as formas e as cores do nosso meio ambiente se modificam, a esperança torna a nascer: desta vez o labirinto reage ao nosso desejo ardente de renovação. Lentamente, a atmosfera muda. Retemos nossa respiração. No começo tudo é ainda árido, não há estritamente nada crescendo, a única coisa que percebemos é o vento que faz curvar as árvores; depois sentimos que nos aproximamos de uma pureza, que, se a quisermos de verdade, pode mudar tudo. Lentamente a paisagem se colore e percebemos que todas as flores desabrocham. Depois o vento se acalma e podemos respirar livremente outra vez. Sentamo-nos num banco perto da fonte, e sentimos que já não precisamos vagar pelo labirinto à procura da saída; acabamos de achar a liberdade que procurávamos, e isso na nossa própria paisagem interior. A única coisa que nos resta a fazer toda vez que voltamos a vagar novamente na vida é retomar o caminho que leva ao interior de nós mesmos. Tudo está lá: retornemos ao mais profundo de nós mesmos a fim de entrar em contato com a fonte de inspiração da vida, no roseiral, o jardim interior de cada um ✪



a grande reconciliação

Aparentemente os mortais têm um mecanismo constituído de tal modo que todas as suas percepções estão divididas em dois grupos: o do “sim” e o do “não”. Você e eu, eles e nós, leste e oeste. Parece que não podemos refletir, fazer, dizer, existir, sem ao mesmo tempo evocar a ação contrária. Inclusive as reações relativas às medidas, cores e sentimentos, como passar de um entusiasmo extremo a uma grande indignação.

Por todos os lados encontramos os conflitos do “sim-não” que cria lutas e hostilidades, preocupações, obstáculos, dúvidas, adiamentos, rancor, disputas entre irmãos e guerras. Nós sabemos: tantas cabeças, quantas concepções. A fleuma inglesa traduz essa idéia. “Duas cabeças valem mais do que uma”. De toda maneira, o mundo não leva em conta nossas convicções ou protestos. Eventos totalmente improváveis acontecem, mas, “os cães ladram e a caravana passa”. Por outro lado, com zelo incessante é preciso dar fim às desordens, tentar reduzir o efeito estufa e as emissões de CO², condenar a fome e a exploração. Uma série infinita de congressos procura soluções e demonstra-se, particularmente, a necessidade urgente de mudar e renovar muitas coisas. Porém, no fim, tudo permanece como antes. “Não existem soluções”: afirmação que se repudiava energeticamente até aqui, mas que no entanto nunca pôde ser completamente desmentida. E no fim, sim, tudo permanece como antes. Então vamos permanecer aqui e esperar com resignação os acontecimentos? Existem outros caminhos, por exemplo, procurar e expor a raiz dos problemas. Durante essa procura, fazemos a primeira descoberta: o mecanismo do “sim-não” existe também em nós mesmos. E pode ser que, se partirmos dessa comprovação, não precisemos buscar a solução dos problemas tão longe.

“AMOR-ÓDIO” Em nosso mundo reina a lei da conservação de energia, a primeira lei da termodinâmica. Dito de outra maneira, a energia não se perde. Ela muda de uma forma para outra, mas

não desaparece. Por conseguinte, ela não pode desaparecer nem aparecer de novo. Ela não é boa nem má. Ela não tem a capacidade de se aniquilar, nem de se recriar, mas unicamente de se transformar, realidade que precisamos imperiosamente levar em conta.

O que acontece, então? Talvez o princípio do “sim-não” tenha surgido de uma divisão celular, uma unidade que se desdobra a cada instante. A Unidade com letra maiúscula contém, desde o começo, ao lado do “sim-não”, o “multiplicai-vos” (Gênesis 1.28). E a multiplicação – o “sim” – é por sua vez atenuado pelo “não” – a transitoriedade e a morte. O que o “sim” atrai, o “não” rejeita, tanto nos organismos mais minúsculos quanto no grande universo. A psicologia chama isso de relação amor-ódio.

A célula original, fundamento de tudo que é, chamamos tradicionalmente Deus, um dos múltiplos nomes da célula do “começo”, a semente que tudo contém, fora da qual nada existe, que é “luz e amor”, que não tem começo nem fim. E, no entanto, fala-se de “começo”. Existiria, então, um começo, e, portanto, um fim?

REENCONTRAR A CAUSA PRIMEIRA Deus é amor, diziam os cátaros. E esse amor, fundamento da vida, deve ser compartilhado. Esse pensamento se exprime diferentemente em diversas correntes espirituais. Por exemplo, encontramos na tradição sufi: “Eu era um tesouro escondido, eu queria ser conhecido, por isso eu criei o mundo” (*hadith qudsi*).

Podemos nos perguntar: se nada existe fora de

Deus, a quem ou a que ele se manifestou? Nenhuma inteligência humana está em condição de ler os pensamentos e ensinamentos do Ser divino. E, no entanto, é dado ao homem conhecer os segredos do céu e da terra, pois eles estão dentro dele mesmo. É-nos recomendado desde a origem dos tempos: “Homem, conhece-te a ti mesmo”, mas não devemos omitir as palavras que se seguem: “e tu conhecerás a natureza e os deuses”. Se pudermos descobrir a causa primeira da dualidade, que determina e governa nosso mundo, talvez possamos avançar em direção à Unidade de onde tudo provém. Esse avanço levantará, no começo, mais perguntas que respostas; trata-se de uma procura abstrata que toma forma principalmente na fé, na imaginação ou na fantasia. No entanto, o ser humano dispõe de uma faculdade: sua consciência torna-o apto, com base em palavras e conceitos, a fazer imagens, ultrapassando de longe o seu intelecto. Chamemos a isso a “percepção”, o reconhecimento, a feliz lembrança de um saber total que nunca desapareceu.

A FORÇA ATIVA DO UM A célula está contida em uma membrana que nossa consciência considera como uma separação entre o interior e o exterior. Para o ser divino não há exterior nem interior. O Um original foi projetado sob forma de luz. Essa luz não é o fogo, ela emana do Pai, que é a causa primeira de tudo. A luz é vibração, e uma vibração emite um som que é aqui o “Verbo”. Essa vibração, o Verbo, faz o ser nascer do não-ser, densifica a substância original, o fogo. Essa densificação secular terminou por fazer nascer a

matéria. É o precipitado, o depósito do fogo, dividido entre luz e matéria. Nas trocas entre esses dois pólos manifesta-se – pode manifestar-se – a atividade, a energia original do ser divino.

O Um original, esse ponto que não tem medida nem forma, fez crescer, com base em um estado estático, uma força ativa, dinâmica, tornada universo, um macrocosmo contendo todas as suas potências sob forma de energias criadoras. O ser que ele formou, literalmente “à sua imagem e semelhança”, é o homem de luz, mas na sua forma original, não o ser que hoje representamos. É o homem, o cosmo, a luz e a matéria, o ser exterior e interior do Um original.

Como projeção da energia original, esse homem tinha pleno poder para utilizar a energia criadora original. Dispondo dessa força e de sua livre vontade, ele podia fazer muitas coisas, e o fez. E, em função do tempo, interpretamos seus atos conforme o plano da consciência e do objetivo desejado. Ora dizemos que ele agiu por orgulho ou fez um falso uso de sua força por egocentrismo – o que é em geral qualificado como “queda” – ora dizemos que ele “escolheu seu próprio caminho” ou fez uma interpretação demasiadamente grande da expressão “dominar toda a terra” (Gênesis,24). Podemos ver diariamente à nossa volta que esse caminho particular não nos leva para onde Deus nos indica. De um lado há uma confiança ilimitada em nossas próprias faculdades, e de outro lado, um afastamento cada vez maior do nosso próprio núcleo de luz “onde não se encontra nenhuma sombra” (Hb 8:5). A sombra destinada a tornar a luz perceptível é a primeira realidade, ao

Por mais líricos que sejam os poemas que celebram o amor serão sempre “prazeres e sofrimentos de amor”

passo que a luz permanece uma abstração, uma vaga lembrança que o homem carrega consigo como uma pequena centelha. Assim, o homem quebrou-se em pedaços e, de um macrocosmo, passou ao estado de microcosmo, um microcosmo que ele já não conhece. Porque a harmoniosa dualidade da luz e da matéria, que permite todos os desenvolvimentos, está tão cristalizada que só causa oposições e hostilidades; ela tornou-se o que chamamos na nossa Escola de a “dialética”, significando duas vezes exprimindo cada uma o contrário da outra. No final, o resultado é o “direito do mais forte”, sua lei fundamental.

E da palavra bem conhecida: “Ama a Deus sobre todas as coisas, e a teu próximo como a ti mesmo,” nós guardamos apenas: “Ama a Deus sobre todas as coisas como a ti mesmo”!

Os dois pólos da manifestação, o espírito e a matéria, foram impelidos tão longe um do outro que quase nenhum contato é possível entre os dois. E se a luz sempre brilha nas trevas, dada a diferença de vibração, as trevas dificilmente a distinguem.

A NOVA LEI O livro da lei do reino da luz só contém uma regra, mas apresentada sob muitas nuances: “Amai-vos uns aos outros”. Essa palavra não admite a menor concessão.

É verdade que este mundo é uma escola de aprendizado e que todos os homens são alunos, mas a orientação dos estudos parece divergir: se alguns alunos aprendem arquitetura, outros se especializam em explosivos; e se alguns estudam a aplicação correta da lei, outros se especializam nos meios de contorná-la. Descobriremos

algumas nuances neste “amai-vos uns aos outros” tão logo queiramos cumprir esse simples mandamento.

E, contudo, o lacônico mandamento “amai-vos uns aos outros” significa muito mais que o sentimento e o romantismo que tecemos em torno dele.

“Amai-vos uns aos outros” evoca evidentemente outro plano: o mundo da luz e da matéria original, os pólos divinos entre os quais se inflama a energia cósmica, o Verbo criador: de um lado pelo Filho, como campo de luz do Um original, e de outro pelo chamado de mãos, cabeça e coração dos seres humanos. Essa harmonia tomou forma numa cadeia de escolas espirituais, que são focos ardentes disseminados no mundo. Ao longo dos tempos, essas escolas constituíram os elos de uma corrente, um campo de vida, como uma mão estendida aos buscadores. Embora toda a corrente trabalhe em unidade, a forma de cada elo é diferente segundo as circunstâncias do momento. Ela será, às vezes, uma baliza de luz brilhando intensamente, outras vezes, uma força secreta. A obra da luz não se mede pelo número de adeptos, e as escolas espirituais raramente parecem ter tido êxito, como poderia se esperar segundo os critérios habituais. Ainda que aparentemente revolucionárias, construtivas, renovadoras, à primeira vista nada resta senão alguns símbolos de sua existência e das experiências pelas quais elas passaram, mas sobretudo a longa seqüência de imprecisões de seus adversários. Os pretensos “sacrilégios” perpetrados pelos templários, as “blasfêmias dos heréticos” ou o termo “maníaco”

que deriva do nome Mani (exemplo: maníaco, maníaco-depressivo, maniqueísmo delirante) estão sempre em vigor e são, às vezes, mencionados em dicionários.

Mas as aparências enganam, a forma exterior vai e vem, só o núcleo é indestrutível e permanece sob a forma de uma semente que se rompe, cheia de vida, para germinar em determinado momento, como a renovação do interesse pela sabedoria hermética na Renascença e em nosso tempo. A cada instante o Espírito original se revela sob a roupagem da época. A luz, portadora da dualidade, é a atividade. O Espírito só tem um objetivo: restabelecer a união entre o homem e Deus. Essa atividade está sempre presente, passando despercebida, mas efetivamente ativa.

O QUE É A LUZ NO MUNDO? A tradição cristã qualifica Jesus como intercessor entre o homem e Deus. Jesus, “o filho do homem”, diz de si mesmo: “Eu sou a luz do mundo” (João 8,12) e a seus discípulos: “Vós sois a luz do mundo” (Mat. 5,14).

Conseguimos compreender que um discípulo que se tornou semelhante a seu mestre Jesus é um homem-Jesus, “o filho do Pai”, e ao mesmo tempo o “filho do homem”? Porque a própria essência desse homem pertenceria a dois mundos, o do céu e o da terra. Esse Jesus foi um homem de carne e sangue, ou o “Verbo”, a Palavra, que, como a imagem de um herói, desperta na consciência de um “pequeno número”? Uma língua emitiu essa Palavra? Uma mão reteve essa Palavra? Ou então ela está escrita em letras de fogo

nos corações do “pequeno número” para que a transmita como uma experiência luminosa? Essa linguagem de fogo não pode simplesmente revelar-se a nós, ela é uma força absolutamente estranha a nosso ser natural. Ou nós não a notaríamos, ou ela nos aniquilaria como um relâmpago. Do fogo surgiu a energia da luz, o filho. A luz, o filho, nos envia o fogo, o Espírito. O círculo se fecha.

No Espírito tudo se torna claro outra vez. Os contrários paralisantes reencontram a harmonia divina: o amor que nunca nos deixou, que faz brilhar o sol sobre os bons e os maus, o amor que envolve a justiça do mundo com o manto da compaixão: “Aquele dentre vós que está sem pecado, atire a primeira pedra”. (Jo 8:7)

Tudo parece um conto, uma estória de um ser de luz que, desesperado, se agarra a uma sombra, à ilusão de um “eu”, eis a realidade desde a noite dos tempos. Mas, de repente, aqui e agora, como acontecimento de um presente atemporal, a luz pode se revelar, aparecer como era outrora, ou como será no futuro. Quem penetra a ilusão do eu vê a maravilha da grandiosa reconciliação: o homem de luz nunca a deixou. E a maior maravilha está em que, na luz (ou amor), não há sequer reconciliação, pois nela não há nem bem nem mal, nem passado nem futuro. A reconciliação é uma noção do nosso mundo mental dialético submetido ao espaço-tempo, noção que implica punição e recompensa. Para a luz, fazemos apenas uma pequena volta aqui embaixo, e depois – se tudo for bem – nossos pés pisarão o caminho que leva à Unidade universal ✪

Lar Christian Rosenkreuz 1958-2008

Há cinqüenta anos o Lar Christian Rosenkreuz foi inaugurado em Calw, no sul da Alemanha. J. van Rijckenborgh dava muita importância ao fato de que, lá onde Johann Valentin Andreae e o círculo de Tübingen haviam trabalhado, fosse aberto um novo campo da Rosacruz. Citamos uma parte da alocução comemorativa que M. H. Albert, membro da direção Espiritual Internacional, pronunciou no dia sete de março passado em Bad Liebenzell:

Faz cinqüenta anos que existem boas relações entre a cidade de Calw, sua igreja, suas instituições, suas administrações e o Lar Christian Rosenkreuz; boas relações fundamentadas em uma confiança mútua. Somos muito gratos por isso.

Além de suas atividades, os rosacruzes do século dezessete foram muito ligados à cidade de Calw. Durante dezenove anos, de 1620 a 1639, Johann Valentin Andreae foi decano da igreja de Pedro e Paulo. E se pensarmos que ele é considerado como o autor dos escritos da Rosacruz clássica, não atribuiremos ao acaso o fato de a Escola Internacional da Rosacruz Áurea ter fundado precisamente em Calw um centro onde durante cinqüenta anos ocorreram conferências nas quais seu ensinamento foi aprofundado. As idéias encontradas nos manifestos da Rosacruz nasceram no chamado círculo de Tübingen, do qual Andreae foi membro desde sua juventude. A esse círculo pertenciam também Tobias Hess, conhecido como especialista na obra de Paracelso, e Christophe Besold, professor de direito da universidade de Tübingen, considerado o maior jurista da Alemanha na primeira metade do século dezessete.

Andreae mantinha contato com várias pessoas importantes em sua época, como por exemplo Johannes Amos Comenius, Johannes Kepler, Johannes Arndt, o duque Augusto de Lünebourg e Tommaso Campanella na Itália. A obra deste último, *A cidade do sol*, inspirou Andreae a escrever

Christianopolis. No tempo em que foi pregador da corte de Stuttgart, teve a possibilidade de expandir e aplicar as idéias da Reforma, o que testemunha o quadro cabalístico da princesa Antônia de Wütemberg, que, após a Guerra de Trinta Anos, o ofereceu à igreja da Trindade de Bad Teinach. Os especialistas são unânimes em afirmar que essa extraordinária obra de arte foi inspirada por Andreae, que há muito era professor da princesa. Um indício é o fato de o profeta Isaías ser representado no quadro com os traços de Andreae.

Mas agora diremos algumas palavras sobre o Lar Christian Rosenkreuz. No início dos anos 1950, a Escola da Rosacruz Áurea da Holanda iniciou suas atividades em solo alemão. Após alguns anos, houve a necessidade de fundar também oficinas nesse país, pois cada vez mais pessoas queriam participar do trabalho.

Num belo terreno, na orla do bosque de Wimberg, uma primeira construção foi edificada e, após onze meses de trabalho, inaugurada em março de 1958. Foi J. van Rickenborgh, grão-mestre e dirigente da Escola, quem deu o nome de Lar Christian Rosenkreuz ao centro de conferências. Depois, a principal construção recebeu um dormitório para os participantes das conferências, um refeitório, cozinhas, escritórios e alojamentos para os servidores permanentes. No começo, a metade do refeitório servia de templo. Durante os primeiros vinte anos, muitos visitantes vinham da Suíça e sustentavam o

A pedra fundamental do Lar Christian Rosenkreuz. 16 de setembro de 1963

Lar Christian Rosenkreuz, pois não tinham centro de conferências em seu país.

E não foi só isso. Novamente após onze meses de construção, no domingo, 16 de agosto de 1964, ocorreu a consagração do templo Christian Rosenkreuz, à qual estavam presentes 2200 alunos, provenientes de vários países europeus, da Califórnia e do Brasil.

Foi realmente um acontecimento importante para o trabalho da nossa comunidade, porque então havia um templo com capacidade para 600 pessoas, no coração da Europa, no país dos rosacruz do século dezessete.

As construções continuaram até o começo dos anos noventa porque faltavam mais dormitórios e espaços para receber as crianças e os jovens. Hoje, os alunos podem participar de duas conferências mensais.

Além da Bíblia, são comentados os evangelhos gnósticos, herméticos, os antigos livros sagrados da Índia e da China, e especialmente os escritos da Rosacruz do século dezessete, dos quais o



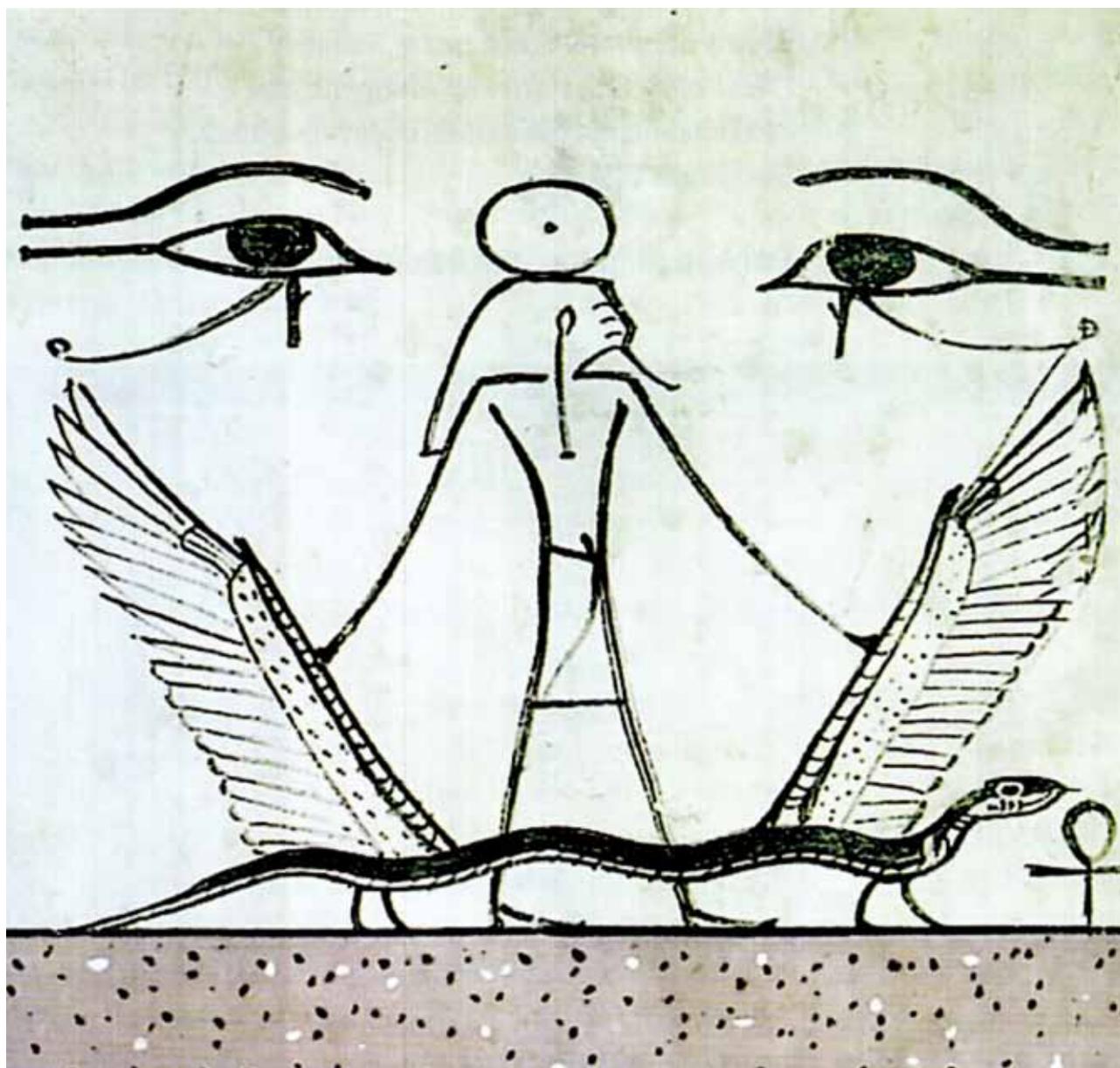
mais conhecido é *As núpcias químicas de Christian Rosenkreuz anno 1459*. Essa obra foi cada vez mais objeto de atenção ao longo dos séculos, pois contém inúmeros ensinamentos e comentários sobre o desenvolvimento espiritual do ser humano.

Uma velha amiga, que se interessou intensamente pela Rosacruz clássica, disse há alguns anos: “Este livro, desde que apareceu até os nossos dias, foi e continua a ser um best-seller”.

Como o título deixa claro, Andreae conta nele, em detalhes, o casamento simbólico, conhecido como as núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz. O ponto alto e o ideal de Andreae é o crescimento de um casal espiritual transformado para uma vida superior ☼

De eternidade em eternidade

SABER-PODER-QUERER-OUSAR-FAZER-SILENCIAR



A linha vermelha que, desde o começo, todo ensinamento iniciático seguiu e seguirá até o fim dos tempos, é idêntica para todas as criaturas em todos os lugares e civilizações do mundo. Do primeiro dia da criação até os posteriores e de uma espiral a outra, desde Zaratustra a palavra é transmitida de diferentes maneiras: saber–poder–querer–ousar–fazer–silenciar.

Na Antigüidade, a consciência do homem progredia em direção à iniciação com base na sensação corporal, com base no animal, em sua parte animista.

Poderíamos dizer que o caminho dos mistérios elevava-se pouco a pouco começando por aquilo que chamamos de chacra do sacro, a raiz, depois elevando-se para o chacra do coração dirigindo-se para o da cabeça e daí ao “chacra coronário”, fenômeno que, principalmente no budismo, deu origem à famosa imagem de Buda portando em sua cabeça um ornamento em forma de pinha representando a glândula pineal ou hipófise, uma pequena glândula que se encontra à frente do cerebelo.

Esta imagem de um motivo da tumba de Tutmés III (Thot [re]nasceu) pode ser interpretada de várias maneiras. Literalmente: “Ele pertence verdadeiramente à vida”. Sob os dois olhos protetores de Horus vemos o rei e a serpente do submundo, Apoptis, avançando para a vida (o sinal Ankh). Para se tornar um “Osiris”, todas as forças da natureza e do Espírito são necessárias. Podemos também entender esse desenho como a representação simbólica da sublime libertação do tempo e da transitoriedade.

Desde o início de nossa era, no entanto, ao mesmo tempo em que se desenvolvia o poder mental, a evolução interior ocorria em sentido inverso, no mau sentido. Como resultado, das profundezas do ser eleva-se o desejo de compreender e de encontrar uma saída, o que não percebemos nem compreendemos imediatamente.

Ora, é esse desejo que nos leva a agir. Em consequência, fazemos todos os tipos de experiências, às quais o intelecto reage e depois o coração responde. E se após a ligação do coração e da cabeça se produz uma purificação, o processo termina por influenciar os órgãos físicos e estes começam a mudar assim como as forças instintivas agem nas profundezas. Os evangelhos falam de modo simbólico sobre o momento que passamos no caminho da iniciação: “E o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo” (Mc 15:38). A palavra grega *naos*, geralmente traduzida por templo, é de fato o santo dos santos; essa palavra é linguisticamente aparentada à palavra “barco” e ela nos faz lembrar a “arca” da aliança de Moisés, a “arca” de Noé, e a “nave” das catedrais cristãs. É assim que se sela a “nova aliança” do Novo Testamento.

Enquanto, nos tempos passados, a nova atividade da pineal significava o coroamento da iniciação, em nossos dias ela se comprova como condição para o processo iniciático. Os rosacruzados do século dezessete denominavam esse primeiro estado de “nascido de Deus”. A força renovadora universal trabalha na própria medula óssea e nos rins. A pineal desempenha um papel de interme-

A esfinge está diante do caminho dos mistérios que permanece ilusório enquanto percebemos as coisas apenas do lado material. Portanto, podemos ver o corvo como a imagem dos obstáculos que são os preconceitos e os enganos. O crânio é tradicionalmente o símbolo do autoconhecimento, a idéia de que o homem deve, um dia, morrer. À luz da endure ele aprende a ver sua vida e o mundo em sua coesão inelutável e divina. No livro aberto (*Mutus Liber*) surge esta recomendação: “Lê, lê e relê, trabalha e pensa”. Sob a ilustração está escrito: “Tudo provém do Um, e tudo retorna ao Um”.



diária entre o sensorial e o supra-sensorial, o físico e o espiritual, o mundo humano e o mundo divino. Quem se volta para o corpo humano de uma maneira mais elevada do que simplesmente acadêmica vê como a energia espiritual pura, cósmica, universal, cria na pineal um hormônio essencial para acionar todos os outros hormônios. Os processos hormonais concernentes à percepção de si mesmo e do mundo ao redor dependem desse hormônio e, simplificando, se desenvolvem essencialmente na parte mais central do cérebro. A identidade, a auto-realização e a reprodução dependem de uma cadeia (do grego *hormos*) que, partindo da pineal e passando pela hipófise, pela tireóide e pelo timo, alcança os rins. Existem também processos fisiológicos sobre os quais estão fundados os simbolismos bíblicos. A ligação (*religio*) que a pineal forma com os poderes divinos é simbolizada por diferentes chapéus, como os gorros pontudos (do prelado, dos magos), as coroas imperiais (e as que trazem uma cruz como

sinal do fogo do Espírito) ou os chapéus dos monges tibetanos (e outras ordens monásticas), ou mesmo os elmos pontudos das armaduras.

PENSAMENTO PURO, CORAÇÃO PURO, DISCERNIMENTO PURO Uma das primeiras fases compreende a purificação dos pensamentos, que transforma progressivamente o cérebro em um “santuário”. O véu da ignorância se rasga de alto a baixo. O coração se interessa pelo processo iniciático e necessita ser um pouco mais esclarecido. A melosa onda de esoterismo suscitada pelo movimento hippie – “Faça amor, não faça a guerra” – demonstrou, durante algumas décadas, todas as maneiras para seguir os caminhos do coração – e permitiu a muitos tornarem-se receptivos às vibrações de uma consciência totalmente diferente. Porque a purificação do coração se encontra no próprio centro da iniciação, da mesma forma que a centelha-do-espírito se encontra no centro do microcosmo. Um novo e puro poder de discer-

nimento eleva os gostos, as simpatias pessoais e orienta para o bem geral.

O saber intelectual, por mais precioso que seja, provoca grandes forças de oposição e não leva à interiorização: o poder mental, digamos, não leva ao conhecimento vivido inspirado pelo Espírito. Impossível, portando declarar: “Eu já não preciso mergulhar nos estudos e me limitar unicamente pelo saber, porque tudo repousa no conhecimento interior, a Gnose”.

Saber e poder andam juntos. Uma citação de Zaratustra nos dá o próprio princípio da iniciação: a auto-iniciação exige vontade e esforço. Depois vêm os dois conceitos seguintes: querer e ousar. Não é suficiente saber muitas coisas, conhecer o caminho, ter um amplo horizonte, ter estudado todas as ciências e todas as línguas do mundo: quem não quiser verdadeiramente concluir o caminho pára aqui. Nem desejo apaixonado ou grande entusiasmo, nem tradições ou ensinamentos espirituais, nem crenças ou leis impostas serão suficientes. O que quer dizer que as concepções e idealismos mais generosos que escolhemos como objetivo e que nos decidimos a alcançar a cada dia não nos levam a nada.

**PASSAR DOS PENSAMENTOS PUROS AO COMPOR-
TAMENTO PURO** Em cada caminho iniciático trata-se de “vencer”, o que significa afastar-se do “príncipe deste mundo” para se consagrar inteiramente ao “senhor de todos os mundos”. Quem é conquistado para o reino original é perdido para o príncipe deste mundo, mas qual dirigente renuncia voluntariamente ao povo do qual ele

recebeu o poder? É desnecessário dizer que no caminho surgem obstáculos.

Dito de outra forma: é a certo preço que podemos superar a natureza. QUERER também quer dizer: preparar-se para pagar o preço. E porque é impossível prever quando e como o preço será cobrado, é necessário afastar-se interiormente por completo deste mundo conhecido e orientar-se – no mesmo instante! – para o novo mundo desconhecido.

É necessário atirar-se como é dito no Novo Testamento: “...vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres [...] e segue-me (Mt 19:21).

É ao mesmo tempo e de modo incondicional um salto dentro da água fria e dentro do fogo flamejante. É necessário, então, querer deliberadamente ousar viver isso. Trata-se agora de fazer o que prometemos e de perseverar. Assim, dominar a circulação interior em consagração ativa cotidiana de tal modo que ousar e fazer possam sempre renovar e reforçar o poder e o saber. Assim conseguireis agir sempre melhor, e se, nesse sentido, as dificuldades e as provas são maiores, então, diz-se também que a ajuda da Fraternidade é muito mais importante.

A citação de Zaratustra termina em “silenciar”. Este termo pode tomar três aspectos: o primeiro é, imitando Cristo, dizer: Que tua vontade seja feita e não a minha...” (Lc 22,42) O segundo aspecto é o silêncio sobre as coisas interiores: uma discrição inteligente que suscite o menos possível de oposição. O terceiro aspecto é o silêncio próprio de quem sabe e age sem se deixar desviar por outra coisa.

A essência da alquimia

Na conclusão do livro *O mistério das catedrais*¹, do moderno alquimista francês Fulcanelli, lemos: Por exercício constante das faculdades de observação e de raciocínio assim como pela meditação, o neófito tem a oportunidade de galgar os degraus que levam ao

SABER

A imitação ingênua dos processos naturais, a habilidade unida à engenhosidade, a luz de uma longa experiência, assegurar-lhe-ão o

PODER

Realizador, ele ainda precisará de constância, de perseverança, de vontade inabalável. Audacioso e resoluto, a certeza e a confiança nascidas de uma fé robusta lhe permitirão tudo

OUSAR

Enfim quando o sucesso tiver consagrado tantos anos laboriosos, quando seus desejos tiverem sido realizados, o sábio, desprezando as vaidades do mundo, se aproximará dos humildes, dos deserdados, de todos os que trabalham, sofrem, lutam, desesperam e choram aqui embaixo.

Discípulo anônimo e mudo da natureza eterna, apóstolo do eterno amor, ele continuará fiel a seu voto de nada revelar.

Na ciência, no bem, o adepto deverá sempre

SILENCIAR

Scire – potere – audere – tacere

“ORAR, LER, FAZER E ENCONTRAR – FÓRMULA DA ALQUIMIA A máxima da antiga alquimia era “ore, leia, leia e releia, trabalhe e você encontrará”. Fulcanelli, um dos maiores alquimistas, é o autor de *O mistério das catedrais*, obra que mostra a relação entre a alquimia exterior, a marcha

iniciática do indivíduo e a evolução do mundo e da humanidade.

Para finalizar, ele citou Zaratustra e, de acordo com o ponto de partida do caminho metafísico descrito abaixo, declarou: “Não é suficiente ser estudioso, ativo e perseverante se nos faltar o princípio sólido e uma base concreta, se um entusiasmo imoderado cega a razão, se o orgulho tiraniza o julgamento, se a avidez se desdobra diante da idéia de riqueza... A ciência dos mistérios pede muita justeza, exatidão, perspicácia na observação dos fatos, um espírito sadio, lógico e ponderado, uma imaginação viva sem exaltação, um coração ardente e puro. Ela pede também a maior simplicidade e a indiferença absoluta diante de teorias, sistemas, hipóteses que, por acreditar nos livros ou na reputação dos autores, admitimos geralmente sem censura. Ela quer que seus aspirantes aprendam a pensar mais com seu próprio cérebro e menos com o dos outros... Finalmente, como resultado de muitos, muitos anos de esforços, será coroado quem perceber a vaidade deste mundo, quem se voltar para os humildes e deserdados, os que trabalham aqui embaixo, sofrem, lutam, se desesperam e choram. Como discípulo anônimo e silencioso da natureza eterna em evolução, o apóstolo da misericórdia e do amor continuará fiel à sua promessa de silêncio e discrição. Mesmo tendo conhecimento e mesmo praticando o bem, o adepto nada deverá revelar”. Quer escolhamos o caminho físico e metafísico dos alquimistas quer escolhamos somente o caminho metafísico, devemos notar que os dois têm por fundamento a tradição ancestral



À esquerda: Os quatro passos importantes no caminho: purificação, iniciação, iluminação e libertação, que correspondem aos diferentes processos alquímicos. Todas as forças necessárias para o caminho provêm da sétupla luz para a qual se voltam os sábios na figura.



À direita: O cavaleiro com a espada erguida é a magnífica metáfora de nosso artigo: o elmo é uma expressão do conhecimento, o leão no coração representa coragem ou audácia. A espada levantada indica a força de ação em Cristo, e a faixa na região do queixo, o silêncio. Paris, Notre Dame, portal central.

da “queda” e do “retorno ao Pai” que, apesar de muitas readaptações, ainda é transmitida pelas doutrinas “ortodoxas” judaico-cristãs. Trata-se da tradição que não depende de nenhum dogma e de nenhuma autoridade, nem do tempo, nem da civilização, e que, no ensinamento hermético universal é reconhecida como vinda de Hermes Trismegisto. A quantidade de escritos tradicionais que apareceram sob esse nome é grande. Entre eles encontramos também *Definitives van Hermes Trismegistus voor Asclepius* (Definições de Hermes Trismegistus para Asclepius)². Lá ressoam sobre o solo egípcio, no terceiro século de nossa era, as mesmas palavras de Zaratustra na Pérsia

antiga, nove séculos antes, e Hermes diz a Asclépio: “Tens o poder de te tornar livre, pois tudo te é dado... Tens também o poder de não querer compreender. Tens o poder de ter falta de fé e de te enganares a ponto de compreenderes as coisas contrariamente à realidade [...] mas podes te tornar um deus se o quiseres; porque isso é possível. Por isso, quer, compreende, crê, tem amor, e tu o serás”. Em sua essência profunda, isso nada mais é que a divisa tradicional: Saber e conhecer – querer e ousar – agir e silenciar ✪

1 Fulcanelli, *O mistério das catedrais*.

2 Broek, R. v. d. *Definitives van Hermes Trismegistus voor Asclepius*. Amsterdã: Pelikaan, 2006.

oposição ou ressurreição

George Orwell, autor da famosa obra *1984*, introduziu a expressão “o grande irmão está observando você” para dar a idéia de estarmos sendo espionados. Ele mesmo parece ter sido espionado pelo serviço secreto inglês, como mostraram recentemente certos documentos.

A Internet nasceu no meio do século passado no exército americano com a finalidade de ser usada em comandos, comunicações e controles diversos. Nesse meio tempo, foram desenvolvidas multi-mega redes de computadores que alcançam o mundo inteiro como instrumentos com os quais, com um clique, quase tudo é examinado, armazenado digitalmente, checado, escutado. A extensão da realidade virtual tornou-se gigantesca sem que ainda se perceba o fim do processo. Conhecido por muitos, o “Google Earth” é somente o topo de uma realidade digital imaginária e um brinquedo divertido para os homens.

NEGAR – RIDICULARIZAR – ACEITAR No mundo inteiro, as diversas autoridades ignoram ou contestam que a terra e seus habitantes estejam sob a alta vigilância de inteligências superiores. Mas, de onde elas viriam? Por medo e por instinto de conservação, os governos – com exceção da França e do México – não ousam investigar. Os fenômenos visíveis dos quais falamos consistem sobretudo em observações mundialmente divulgadas por satélites ou redes de televisão, e negá-los já não faz nenhum sentido. Mesmo a Igreja católica acabou reconhecendo que poderiam existir civilizações diferentes e provavelmente mais evoluídas que a nossa.

Após a ignorância, estamos agora na segunda fase, que ridiculariza e denigre, mas ela está prestes a passar. Uma terceira fase, a da aceitação, está na ordem do dia. Se dermos uma boa olhada no jardim zoológico deste mundo, poderemos nos

perguntar quem observa quem, ou melhor, quem nos vigia e por que.

Mas o que existe, na verdade, é um campo magnético coletivo que abrange todos os pensamentos e sentimentos que alimentam a humanidade mentalmente e influenciam sua sensibilidade. É isso que os antigos indianos chamavam Akasha, que abarca não somente a terra, mas todo o universo. Parece, portanto, que é chegado o tempo em que o próprio homem deve compreender que a unidade e a autonomia que ele se atribui são apenas ilusão.

A MATÉRIA NÃO EXISTE VERDADEIRAMENTE

“Os espíritos do ar”, dos quais fala a Bíblia, e que a Gnose antiga assim como a moderna Escola da Rosacruz Áurea denominam “éons e arcontes”, formam um campo de vida que na Escola da Rosacruz é designado “esfera refletora”. Essas concentrações de matéria sutil inteligente influenciam os seres humanos em todos os níveis, o que os torna bem menos autônomos do que pensam. E parece que em realidade o homem, ao perscrutar o céu à procura de sua origem, nada vê além de seu nariz terrestre. No começo do século passado, Albert Einstein, em sua teoria do “campo unificado”, englobando eletromagnetismo e gravitação, verificou que a matéria propriamente dita não existe, e que todo o universo visível é somente um “campo eletromagnético temporal densificado”. Sobre esse assunto ele declarou em 1920: “Segundo a Teoria da Relatividade geral, o espaço está preenchido com qualidades físicas: nesse sentido, portanto, existe também um éter.”

REAÇÕES INTERCÓSMICAS GUIADAS MUDAM O HOMEM E OS PLANETAS

Atualmente parece que a terra se insurge contra os numerosos erros e caprichos de seus habitantes, e que seu equilíbrio está ameaçado. Se considerarmos a terra como um ser vivo, podemos dizer que ela já não quer se deixar explorar e dominar. Procuramos curar suas profundas feridas, mas quaisquer que sejam as boas intenções, a terra e a humanidade estão expostas a muitas outras influências, como as que provêm do sol e do cosmos. Por isso, J. van Rijckenborgh, no livro *Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia*, declara: "...num período de existência como o nosso, em que muitos acontecimentos só podem ser explicados por influências magnéticas, é absolutamente necessário que o aluno reconheça a interdependência entre os fenômenos".

O homem e sua pretensa grandeza não têm aqui voz ativa. Na verdade, ele não comanda nada. Apesar de todas as iniciativas que parecem positivas, não compreendemos coisa alguma, e nos superestimamos.

É o sol que, em sua esfera de ação, estimula a terra e seus habitantes, assegurando-lhes a regeneração e a continuidade de seu progresso. Para a Rosacruz Áurea, trata-se aqui da atividade

de "Vulcano", o sol espiritual que esconde o sol visível e que, em seu amor impessoal, banha tudo num campo cheio de possibilidades. É a vibração desse sol espiritual que eleva o homem-alma acima dos limites espaço-temporais, para que ele se torne perfeito, adquira uma consciência verdadeiramente

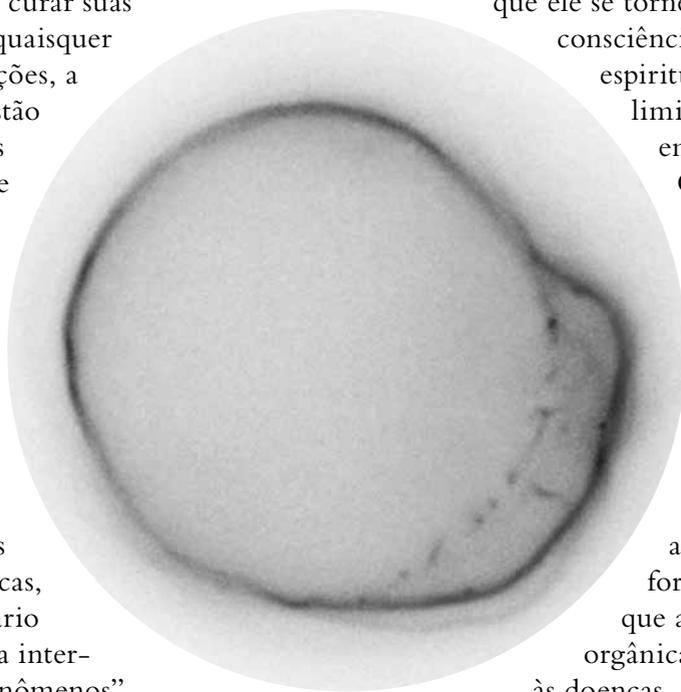
espiritual e ultrapasse todas as limitações para progredir em um eterno vir a ser.

Contudo, ainda não chegamos lá. Se examinássemos seriamente o universo terrestre, não demoraríamos a perceber que o ser humano está doente e contamina sua atmosfera vital. Nele afluem, no entanto, forças restauradoras para que as células e funções orgânicas inteligentes reajam

às doenças, mas isso de forma inconsciente. Essa é também a causa da morte física dos seres humanos neste

planeta. Uma reação intercósmica supraconsciente e dirigida exerce igualmente sua ação sobre as condições terrestres como tratamento corretor. Podemos ver seus efeitos crescentes sobre a psique da humanidade.

Os escritos rosacruz do século XVII ensinam que essas reações não datam de hoje. Assim,



Membrana celular

“Eu dominei a radiação cósmica

trata-se de “mensageiros de sua vontade que Deus enviou, estrelas surgidas em Serpentário e Cisne”, a fim de nos socorrer o mais rápido possível. J.van Rijckenborgh explica que são os “três planetas dos mistérios” cujas radiações penetram a terra.

Muitas pessoas ouviram falar das radiações que alcançam a terra provindas de certas partes do universo. Os cientistas esperam que a radioatividade sutil do raio gama aumente a ponto de transformar muitas coisas. O raio gama é de onda curta, é um raio eletromagnético invisível dotado de uma frequência bem mais alta que a do raio ultravioleta e a do raio X. Uma estrela super ou hipernova pode enviar *flashes* de raios gama que, em outros setores do universo, fazem até desaparecer os corpos celestes relativamente próximos.

As radiações gama exercem uma forte ação sobre as moléculas de ar úmido da nossa atmosfera e, portanto, sobre a respiração. Elas “quebram” as moléculas de ar e os átomos assim liberados agem de forma funesta sobre a camada de ozônio. Uma frente de raios gama ataca, além disso, a ionosfera e influencia todas as comunicações tecnológicas de alta frequência.

A RADIAÇÃO CÓSMICA, UMA ENERGIA BENÉFICA? Diversas pesquisas provam que os campos eletromagnéticos têm uma ação direta no organismo provocando modificações químicas e celulares. Talvez seja por isso que os impulsos dirigentes do cérebro e de outros órgãos, em certos casos, já não sejam transmitidos e não

se exerçam da maneira correta. Podemos ficar seriamente doentes por aquilo que se chama *eletrosmog* que age em todos os lugares e ao qual não se pode escapar. É por isso que a ciência, à custa de imensos esforços, tenta captar, nos pólos, energia cósmica não-deteriorada. E também substituir a fissão dos núcleos atômicos pela fusão. Sem falar de uma energia universal livre que poderia mudar mundialmente todo o sistema econômico. Aqui pensamos



e posso construir um aparelho movido por ela.”

involuntariamente no desacreditado cientista Tesla que, no começo do século XX, estudava as radiações cósmicas e afirmava: “Eu dominei a radiação cósmica e posso construir um aparelho movido por ela”.

A UNESCO tentou em vão chamar 2006 de “o ano Tesla”; tudo caiu no silêncio.

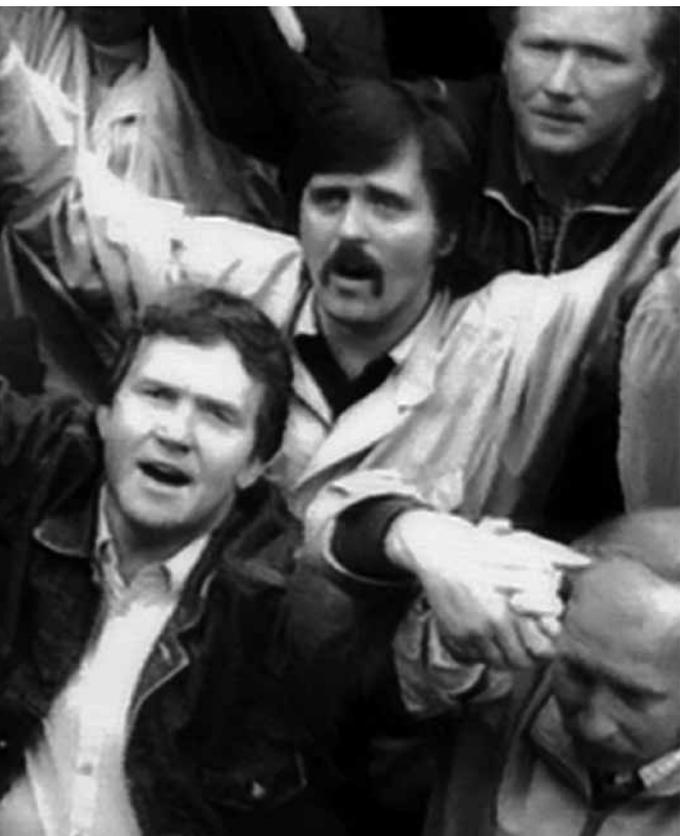
Por volta da metade do século passado, houve interesse na existência hipotética de partículas de energia etérica não-detectáveis denominadas

táquions ou neutrinos, que estariam presentes em todo o universo. Esses táquions “dirigiriam” a força vital do universo e confeririam ordem, orientação, consciência dos processos de criação, os quais manteriam. Eles seriam capazes de conservar o rastro de acontecimentos imemorais de forte potência. Depois de fogo, água, ar e terra, os táquions representariam o “quinto elemento material”.

A ativação e aplicação dessas partículas poderia mudar a energia no nível submolecular, aumentando-o de maneira tão considerável que o homem poderia adquirir uma consciência material superior. Do que se trata exatamente? De um jogo ou da realidade? Seja o que for, o planeta terra está submetido a fortes tensões. E de uma maneira ou de outra devemos reagir, sobretudo a juventude para a qual as perspectivas são ainda infinitas.

Nos círculos esotéricos e na moderna Escola da Rosacruz Áurea, fala-se, em relação às radiações cósmicas, de influxos corretores e regeneradores, que restabeleceriam as relações que tínhamos originalmente com o interior do corpo solar, do qual fazíamos parte. Nas várias conferências de *Aquarius*, ao longo dos anos 1960, J. van Rijckenborgh aprofundou as questões da mudança climática, da influência das radiações e da transformação da consciência que teríamos de enfrentar.

Hermes afirma que Deus é a eternidade e que a eternidade cria o mundo. O mundo carrega o tempo e o tempo carrega as gerações. É um formigamento de seres inumeráveis entre os



Um presente consciente oferece ao homem um futuro



quais figuram os seres humanos. O mundo conduz o “homem-microcosmo” numa evolução eterna; a terra é a escola da humanidade, e nesse sentido, ela faz bem mais do que carregar os seres humanos e suportar todas as experiências egocêntricas.

AUTOCONHECIMENTO, EXIGÊNCIA PRIMORDIAL
É chegado novamente o momento para que o homem saia da temporalidade. Uma transformação, que deverá conduzir a terra e seus habitantes a um plano mais elevado, começou concretamente. Novas energias sustentam a alma, mas põem a humanidade à prova. Nesta época, para verdadeiramente aproveitar essas energias, devemos aprender a nos conhecer. Com esse conhecimento podemos neutralizar o carma, as influências imperativas do passado. Assim, uma nova causalidade cármica será ativada; pois um presente consciente oferece um novo futuro, e tal é o caminho da humanidade das almas. Para um, tratar-se-á de ir interiormente, plenamente consciente, no sentido dessas energias, num ritmo completamente diferente; para outro, haverá oposição interior às novas oportunidades oferecidas na época atual. Em outras palavras, trata-se de ressuscitar na vida ou de se opor à vida. A ressurreição acontece no mundo inteiro sob formas diferentes, mas parece que, hoje, os seres humanos já não estão unidos em parte alguma.

A democracia, considerada há muito tempo como um ideal pelo mundo ocidental, parece obsoleta. Dito de outra forma, no plano

A energia universal de Cristo

Os rosacruzistas professam que a energia universal de Cristo irradia, desce e toca com sua força espiritual o coração do mundo e da humanidade, iluminando-o, abrindo-o e regenerando-o. Quem quer se aproximar dessa força divina deverá fazer suas próprias experiências com base na “Gnose”, no conhecimento vivente interior, porque o estudo adquirido por meio dos livros ou a teoria fundamentada na indução não tem nenhum valor.

Mas quem pode verdadeiramente possuir algum conhecimento dessa sabedoria que ultrapassa tudo? Apenas à luz do novo despertar da alma humana é que podemos saber algo sobre isso. Somente o toque do Espírito pode transmiti-lo e revelá-lo num novo nível de consciência etérica.

Quem crê que esse conhecimento seja sua posse pessoal está enganado. Ele vê a si mesmo como através de uma lupa. Com uma lupa, vemos as coisas grandes e pequenas em proporção diferente; mas vemos tudo aumentado. Então, a imaginação cria uma imagem distorcida da realidade. E um campo de visão restrito dá origem a muitos erros.

horizontal, na haste horizontal da cruz da natureza, já não há evolução possível, unicamente repetições. Somente as forças de um domínio superior podem romper as forças inferiores e, nesse sentido, proporcionar uma ajuda e um progresso verdadeiros. Os grandes grupos da humanidade impulsionados por novas influências cósmicas e que se dirigem ao centro da cruz poderão ressuscitar sobre a haste vertical. Então, um avanço será possível, assim como uma nova

Energia com base na fusão nuclear?

O reator termonuclear experimental internacional de Cadarache (ITER) (sul da França)

Os processos nucleares do sol determinam nossa existência. Esse astro produz energia por fusão de núcleos atômicos a 10 milhões Kelvin. Os pesquisadores do ITER tentam encontrar um meio de produzir na terra o mesmo fenômeno para aplicá-lo na indústria. Para fazê-lo, eles necessitam de 150 milhões Kelvin, quinze vezes mais que a temperatura do sol! A fusão nuclear no sol ocorre a uma temperatura mais baixa porque a pressão no seu interior é extremamente mais elevada, fazendo que os átomos de hidrogênio estejam muito mais próximos uns dos outros, e a fusão é facilitada.

É difícil reproduzir essas condições na terra, por isso tenta-se encontrar uma solução alternativa para alcançá-las: temperatura relativamente mais elevada e pressão relativamente mais baixa. Apesar dessa temperatura elevada, não há risco de explosão, porque o número de partículas é um milhão de vezes inferior à do ar. Dado que a pressão se obtém multiplicando a temperatura pelo número de partículas, o resultado equivale a uma atmosfera, e é isso que elimina o risco de explosão.

É interessante observar que esses fatos mega-técnico-científicos aconteceram graças à colaboração política. Antigamente, todas as nações do mundo praticavam a fissão atômica em grande segredo – com todas as perigosas conseqüências; o projeto ITER é o resultado de uma colaboração aberta entre todos esses países: um exemplo dos projetos vindouros. Além disso, a energia obtida por esse meio é boa e segura. Uma catástrofe como a de Chernobyl (1986) é impossível.

vida social, a *Sancta Democratio*, a democracia santa, a unidade que decorre do cordial reconhecimento dos seres entre si. É unicamente na unidade que a influência da natureza e de seu jugo se desfaz. Cada universo tem suas próprias relações e suas próprias leis. E a manifestação da unidade no momento presente chama uma força vinda do alto, de um universo superior

que rompe o que está embaixo. E a ação dessa vibração muito superior desperta o princípio da eternidade no coração. Isso é a ressurreição. Essa vibração é muito forte e nunca foi tão real. A Rosacruz Áurea chama de transmutação a fase intermediária entre os dois campos de vida onde o ser humano se transforma. Falando mais poeticamente, ela é a ponte lançada sobre o abismo dos universos. Consideramos que a *Sancta Democratio*, a democracia dos que foram justificados pela luz, age em nosso tempo fundamentada em um domínio cósmico superior, que geralmente definimos como Hierarquia de Cristo.

Em todas as fases dessa evolução, que parte do mais longínquo passado, diversas funções são vivificadas na personalidade humana. Os santos valores das radiações do nosso tempo ativarão funções ainda latentes de nosso coração e de nossa cabeça, o que nos dará a possibilidade de colaborar em plena consciência e inteligência com o desenvolvimento da alma. As forças do mundo exterior perderão pouco a pouco seu poder sobre nós, e nos tornaremos despercebidos, quase transparentes. E saberemos ultrapassar todos os limites ☸

Fontes

Rickenborgh, J.v.

Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia. Jarinu: Editora Rosacruz, 2007.

Rickenborgh, J.v.

O Confessio da Fraternidade RC. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1987.



O SELO DA RENOVAÇÃO

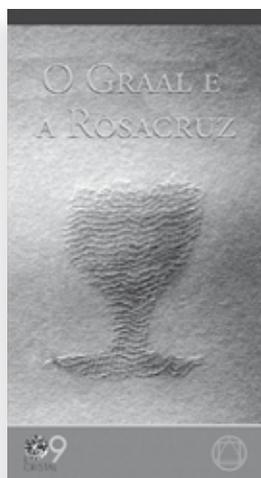
Catharose de Petri

Neste livro, em nova tradução do original holandês, Catharose de Petri explica os aspectos internos da estrutura de uma escola espiritual gnóstica a serviço da Fraternidade da Luz, a Fraternidade de Cristo, com base em trechos do Evangelho de João.

2ª edição - novembro 2008

104 páginas R\$ 24,00

ISBN: 978-85-88950-50-4



O GRAAL E A ROSACRUZ

Série Cristal - 9

Este livro é uma coletânea de várias lendas sobre o Graal em várias culturas e seu respectivo significado.

A taça do Graal pode ser vista como “uma cratera enviada para baixo cheia de forças do Espírito”, onde as almas buscadoras que venceram toda a resistência terrena podem encontrar seu caminho para a eternidade.

Editora Lectorium Rosicrucianum

Caixa Postal 39 – 13.240-000 – Jarinu – SP – Brasil

Tel. (11) 3061.0904 – (11) 4016.1817 – fax (11) 4016.5638

www.lectoriumrosicrucianum.org.br – info@editoralrc.com.br

1ª edição julho 2008

112 páginas R\$ 24,00

ISBN: 978-85-88950-49-8

A ponte de luz entre os universos

Cada universo possui relações e princípios eletromagnéticos próprios. A revelação da eternidade no presente é o exemplo de uma força provinda de uma região mais elevada que influencia uma região de vibração inferior. Mediante uma vibração elevada é despertado o princípio eterno no coração humano. Isso é a ressurreição.

Essa vibração é extremamente ativa e real. E os rosacruzês denominam o espaço entre os dois campos, a região onde acontecem as mudanças, de campo de transmutação ou transformação, ou com a expressão poética: a ponte de luz que atravessa o abismo entre os universos. Antigamente falava-se na *Sancta Democratio*, a democracia santa, a democracia dos justificados na luz. Hoje, fala-se da Hierarquia de Cristo que saindo da sua região cósmica age com grande intensidade em nossa época. Os rosacruzês professam que a força universal de Cristo tudo irradia e que ela desce até o coração do mundo e do ser humano, para tocá-lo, iluminá-lo, abri-lo e renová-lo.

Durante os muitos períodos de revelação do passado foram ativadas na personalidade humana diversas funções. E na nossa época os níveis de irradiação estão causando mudanças – ainda latentes – em nosso coração, mas especialmente em nossa cabeça. Então nos tornamos aptos a cooperar conscientemente e com entendimento no desenvolvimento da alma imortal. Pouco a pouco as forças da natureza perderão seu domínio sobre nós. Desse modo, nos tornaremos um passante despercebido na natureza, quase transparentes, por assim dizer, e atravessaremos a fronteira – e a nova vida se tornará realidade.

ISSN 1677-2253



R\$ 12,00

9 771677 225003